

Angelo Martins de Souza Jr.

O CAMPO DOS SONHOS

Pequena contribuição à análise da dinâmica política de uma
colônia holandesa
O caso de Holambra, SP.

Dissertação de Mestrado
Departamento de Antropologia Social
Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. Márcio Bilharinho Naves
(orientador)

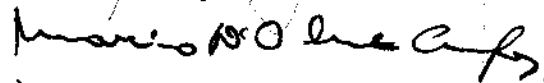
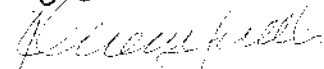
Banca examinadora:

Prof. Dr. Márcio Bilharinho Naves

Profa. Dra. Rachel Meneguello

Prof. Dr. Márcio D'Olne Campos

Profa. Dra. Nadia Farage (suplente)



Esse exemplar corresponde à
redação final da dissertação
defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora (22/1/1998).

Janeiro, 1998.

UNID.	BC
Nº	33556
395/98	
R\$ 11,00	
17/04/98	

CM-00109340-1

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

So 89 c Souza Júnior, Angelo Martins de
**O campo dos sonhos : pequena contribuição à análise da
dinâmica política de uma colônia holandesa: o caso de Holambra,
SP / Angelo Martins de Souza Júnior. - - Campinas, SP : [s.n.],
1998.**

**Orientador: Márcio Bilharinho Naves.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

**1. Imigração/ 2. Paisagem. 3. Comunidades rurais.
I. Naves, Márcio Bilharinho. II. Universidade Estadual de
Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.**

Reconhecimento

Em primeiro lugar à minha mãe, Doracy, e à minha tia, Maria Adelaide. Sem o seu apoio, carinho e desvelo constantes esse trabalho jamais poderia ter sido realizado.

Agradeço a duas instituições de amparo à pesquisa a concessão de fundos. Uma bolsa da CAPES permitiu-me a realização dos créditos do curso de mestrado. Um auxílio do FAEP-Unicamp, ao final do trabalho de redação, foi de grande ajuda para sua consecução.

O Prof. Dr. Márcio Silva, antigo chefe do departamento de Antropologia Social, foi responsável pela superação de inúmeras dificuldades de percurso. Sua amabilidade e seu apoio desinteressados merecem os meus mais sinceros agradecimentos.

A Profa. Dra. Lucy Marion Calderini Philadelpho Machado, do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Unesp (campus de Rio Claro), concedeu-me uma ajuda preciosa no acesso a fontes bibliográficas e a todo um ramo de conhecimento, o dos estudos da percepção ambiental. Suas pesquisas pioneiras nessa área foram de enorme ajuda para esse modesto estudo, e sou-lhe extremamente grato por isso.

Por fim, tenho para com o meu orientador, o Prof. Dr. Márcio Bilharinho Naves, uma dívida que dificilmente poderá ser saldada um dia. Sua erudição, sua radical honestidade intelectual e seu espírito de tolerância estão indissolavelmente ligados a quaisquer méritos que essa dissertação possa ter.

INTRODUÇÃO

Localizada cerca de quarenta quilômetros ao norte de Campinas, a cidade de Holambra deve sua origem ao estabelecimento de uma colônia agrícola holandesa a partir do ano de 1948. A colônia, organizada em torno de uma cooperativa, foi fundada a partir do trabalho organizativo de uma entidade ligada à igreja católica holandesa, o Kathoelieke Nederlandse Boeren en Tuidersbond (KNBTB), uma liga destinada a dar apoio aos lavradores e fazendeiros. Foi adquirida uma fazenda de criação de gado, antiga propriedade do Frigorífico Armour, e para lá mandadas várias famílias de camponeses que se ressentiam da falta de terra e oportunidades na Holanda do pós-guerra.

Os imigrantes não tinham uma grande homogeneidade em relação à origem, já que provinham de praticamente todas as províncias holandesas, embora com nítida predominância de colonos do leste e sudeste do país, região de fronteira com a Alemanha. Os dialetos natais, portanto, eram muito diferentes entre si, e uma parte considerável dos colonos (principalmente as mulheres) somente começou a utilizar a língua nacional holandesa em sua vida cotidiana a partir de seu estabelecimento na colônia.

A presença do clero católico na colônia era muito grande em seus anos iniciais, mas declinou consideravelmente com o passar do tempo. As freiras se retiraram para Campinas, onde fundaram um convento que ainda existe, o Lumen Christi. A presença da Igreja, a partir de então, ficou restrita ao pároco local. O último dos padres holandeses da paróquia se mudou para Minas Gerais há cerca de quatro anos, e desde então ela está sob a direção de um padre brasileiro.

O núcleo propulsor da vida econômica da colônia sempre foi a Cooperativa Agropecuária Holambra (CAPH), e a atividade econômica principal do município, ainda hoje, é a agricultura. Do projeto inicial de instalar uma colônia produtora de laticínios com gado puro importado, e que fracassou logo nos primeiros anos, chegou-se aos tempos atuais com a atividade majoritária de polo produtor de flores e plantas

ornamentais. Hoje, o município de Holambra concentra cerca da metade da produção da área no Brasil.

Assoiada há cerca de três anos por profunda crise econômica, a cooperativa teve vários de seus departamentos fechados (citrus, aves, suínos), e foi praticamente encampada pelo setor de floricultura, que responde pela maior parte do faturamento atual. A crise financeira da cooperativa levou-a a uma situação de completa submissão aos bancos credores, sendo que a dívida está sendo renegociada ainda hoje. Muitos produtores, principalmente os da primeira leva migratória, hoje devem muito mais do que a totalidade de seu patrimônio. O efeito dessa situação tem sido avassalador no interior da colônia, o que gera reflexos em todos os campos da vida social.

Holambra se transformou em município autônomo, e hoje está sendo administrada por seu segundo prefeito eleito. Apesar de constituírem a quase totalidade dos proprietários agrícolas do município, os colonos originais e seus descendentes foram incapazes de se transformarem no grupo politicamente hegemônico: o executivo municipal escapou completamente ao seu controle. Pior, os seus candidatos à vereança, mesmo os de origem brasileira, são sistematicamente derrotados nas urnas, e o município é administrado por um grupo que não tem qualquer ligação orgânica à colônia holandesa, e que tem alguns integrantes de destaque que se posicionam claramente como anti-holandeses.

A minha proposta de análise diz respeito exatamente a esse fenômeno, cujas raízes podem ser situadas não especialmente no plano político-partidário, mas sim na organização comunitária original do grupo holandês. Esta, apesar de seu caráter amplamente democrático, falhou completamente na tarefa de incorporar o sempre crescente contingente de brasileiros de baixa renda que hoje constitui a maior parte da população do município.

Esta incapacidade do grupo holandês de construir e exercer um papel hegemônico no campo da política municipal pode ser compreendida a partir do estudo da organização comunitária implantada

já' a partir do estabelecimento da colônia. Faço a aproximação com esse tema mediante a análise da construção de um *espaço* peculiar, habitado apenas pelos colonos holandeses e seus descendentes, espaço cultural e linguístico, sem dúvida, mas principalmente espaço físico, concreto, geográfico.

Este espaço, através do tempo, isolou os colonos e seus descendentes do convívio e da integração com os brasileiros que foram afluindo a Holambra para o trabalho nas estufas de produção, e que hoje representam a grande maioria da população (holandeses e descendentes representam hoje apenas cerca de mil e quatrocentas pessoas, em uma população total de mais de nove mil).

Parece plausível que o caráter amplamente minoritário da população de origem holandesa, em relação ao conjunto da região, tenha gerado por sua parte uma tentativa de estabelecer um espaço-lugar controlado rigidamente por ela. Isso serviu para estabelecer um universo finito onde se realizou a reprodução de uma série de condições práticas propícias à reprodução do modelo comunitarista original.

O espaço-lugar holambres, visto de tal perspectiva, chama a atenção pela radical exclusão residencial da massa trabalhadora empregada nas estufas de cultivo. Essa exclusão, racionalmente planejada e executada, foi funcional ao longo dos muitos anos em que a localidade não contava com autonomia administrativa. Nesse período, a Cooperativa reinou soberana na medida mesma em que, por ser Holambra partilhada por quatro municípios, nenhum deles se mostrou muito interessado em exercer um controle efetivo sobre a comunidade.

O controle da Cooperativa resultou no estabelecimento desse modelo de poder que efetivamente excluía a maior parte dos trabalhadores do núcleo urbano da colônia, negando-lhes portanto em larga medida o acesso à cidadania holambresa, mantendo-os ligados aos municípios vizinhos. Quando o processo de municipalização foi acelerado, a Cooperativa perdeu o seu controle, o que resultou na subida ao poder de um grupo político não somente desligado dela, mas também seu adversário declarado.

O objetivo dessa dissertação é demonstrar como alguns processos subterrâneos de interação comunitária e de gestão do espaço físico-cultural agiram de forma a isolar do exercício do poder municipal o núcleo original de colonos holandeses e seus descendentes.

Assim, nos dois primeiros capítulos será mostrada a forma pela qual se exerceu a política no interior da colônia, frisando-se o seu caráter comunitário e extra-partidário. O capítulo terceiro descreve e discute o processo de construção, e de contínua reconstrução, da complexa teia de representações simbólicas da identidade cultural das forças que interagem no interior da luta política de Holambra. O capítulo quarto, por fim, procura demonstrar a forma pela qual a organização do espaço, do *lugar* holambres, não somente é a corporificação de uma política de exclusão, como também um mecanismo complexo que o reforça continuamente.

Procurei estabelecer uma certa autonomia entre os capítulos, para que eles possam ser lidos não somente na ordem que em que são apresentados, mas também isoladamente como unidades particulares, ou mesmo em ordem diferente daquela na qual eles foram apresentados. De qualquer maneira, o fio condutor que os liga é constituído por uma equação composta de três fatores principais: uma vida comunitária extremamente forte, a incapacidade demonstrada colonos no exercício da prática política partidária, e uma organização espacial que deliberadamente excluiu do *lugar*-Holambra grande parte da massa trabalhadora menos qualificada.

CAPITULO I

A POLITICA COMUNITARIA

1.- Introdução

A característica principal de Holambra consiste na evidente importância da política comunitária no estabelecimento e desenvolvimento da colônia. Por longos anos, ela esteve praticamente isolada, e aprendeu a se auto governar de forma quase completa.

Devido ao fato de suas terras estarem divididas entre quatro municípios, nenhum deles jamais se interessou muito por Holambra, apenas coletando impostos e quase nada devolvendo em forma de benefícios. Nas palavras de um dirigente político do município, *nos construímos a partir do zero uma máquina de produção como nenhuma outra havia na região. Tornamos Holambra uma potência no setor agrícola, a ponto de sermos apontados por sucessivos ministros e secretários da Agricultura como um exemplo para o resto do país. E apesar disso tudo, para passar uma simples máquina nas estradas em época de chuva, nos tínhamos de ir na prefeitura de Jaguariuna ou de Artur Nogueira com o chapéu na mão, e pedir pelo amor de Deus que eles fizessem isso como um favor para nos.*

A população foi, a princípio, assessorada pela cooperativa e pelos religiosos no sentido de se organizar para resolver seus próprios problemas. Com o passar do tempo, foi surgindo uma estrutura informal de poder à qual se deu o nome de Comunidade, e que tinha como característica principal o fato de se subdividir em grande número de comissões. As comissões passaram a se encarregar, com o correr do tempo, de toda a vida social da colônia: igreja, escoteiros, futebol, tênis, vôlei, escola, senhoras, saúde e, mais tarde, Expoflora, São Nicolau e Grupo de Dança.

O caráter descentralizado da Comunidade foi se acentuando cada vez mais com o tempo, a ponto de ela se tornar praticamente invisível,

atuando apenas como coordenadora informal das comissões especializadas por área de atuação.

As comissões, em geral, são eleitas pelos membros atuantes de determinada atividade, os seus participantes sendo escolhidos entre voluntários que se apresentam no período de alternância, que ocorre a cada dois ou três anos.

No começo, as atividades da Cooperativa e da Comunidade se interpenetravam, mas com o passar dos anos elas foram se separando: a Cooperativa começou a ser gerida muito mais como uma empresa, perdendo um caráter que alguns chamavam de *socialista*. A Comunidade, por seu lado, passou a atuar de forma independente da direção da Cooperativa e a se orientar cada vez mais para a satisfação de necessidades *não econômicas* de seus participantes.

Os membros da Comunidade, a princípio, eram apenas os imigrantes holandeses. Com o tempo, foram sendo admitidos cada vez mais *brasileiros*, que passaram a se incorporar na rotina da vida local. Muitos deles vieram a ter participação ativa na vida comunitária.

Estes eram, principalmente, oriundos dos grupos de profissionais especializados que passaram a trabalhar na cooperativa e nas empresas agrícolas a partir do *boom* econômico dos anos setenta e oitenta. Sua concentração maior se dava nas áreas afins à Agronomia e à Administração.

Dessa forma, devido à sua origem social e especialização profissional, esses *brasileiros* podem ser vistos como um grupo diferenciado e de status mais elevado que a média dos brasileiros da colônia e da região. Por isso mesmo, e por sua ligação de trabalho com os produtores *holandeses*, eles tendem a ser potencialmente cooptáveis pelo ideal de vida comunitária e solidária exercida pelo grupo *holandês*.

A seguir, veremos com mais vagar a maneira pela qual esses grupos comunitários, ou *comissões*, se constituem em mediadores dos interesses de variados grupos de interesse no interior da comunidade. Veremos também de que forma a participação nesses grupos concede

prestígio e posição aos seus integrantes, e como eles manipulam esse *estoque simbólico* para a definição de seus papéis na vida diária.

É minha convicção que esses grupos, outrora o verdadeiro governo informal (e descentralizado) da colônia, representam hoje um impedimento para a participação das lideranças mais significativas da comunidade holandesa no processo de emancipação de Holambra e na sua posterior estruturação municipal.

Amostra patente disso é o fato de que nenhum dos líderes comunitários tradicionais se tenha proposto a assumir tarefas políticas formais, eletivas, nos dois pleitos que já foram realizados no município. A política comunitária é vista como algo *puro* e meritório, a política municipal como algo *impuro* e depreciativo.

Assim, se determinados candidatos desvinculados da comunidade ganharam, e geralmente de origem *brasileira*, foi porque teriam lançado mão de expedientes pouco dignos, como a concessão de facilidades para a aquisição de moradias populares, a compra de votos, a propaganda dissimulada e ilegal no interior do recinto de votação, ou a pura e simples prática de enganar o eleitor ignorante com promessas impossíveis de se cumprir.

Conforme um editorial do jornal local, (...) *o voto se tornou um produto comercializável, em um contexto em que o eleitor espera a abertura das urnas para garantir algumas 'migalhas' que, na verdade, lhe são de direito, só' que em outras situações, como salários dignos, educação, saúde e, sobretudo, MORADIA. Mas de quem é a culpa? Com certeza, não apenas do candidato. O discurso de que o eleitor desconhece tais atos não convence. Cada povo tem o governante que merece(...)*(Jornal da Cidade, 11/10/96).

Quanto aos candidatos ligados de uma forma ou outra à comunidade, e que em sua enorme maioria perderam, foi porque teriam sido muito ingênuos, puros de mais, se recusaram a enganar os eleitores ou a comprar votos. Como disse um líder da comunidade holandesa, *os nossos candidatos perderam porque quiseram continuar sendo honestos mesmo dentro do jogo político, quiseram fazer as coisas do jeito que*

sempre fizemos tudo aqui na Holambra. Eles não conseguiram perceber que política é isso mesmo, e se a gente quer ganhar tem de fazer a mesma coisa que o outro lado. Depois que a gente ganha, tem de voltar à honestidade, mas antes disso é preciso sujar as mãos de uma forma ou de outra, porque é isso que o eleitor quer.

Da articulação desses dois modos de se encarar o resultado das eleições, que na verdade são complementares, nasce a idéia defendida por muitos de que a prática da política partidária é algo necessariamente sujo e degradante. Ligada a essa idéia encontramos o seu corolário, que prevê a desintegração da comunidade de Holambra caso os seus membros optem pela participação partidária em detrimento da ação comunitária.

Subjacente a essas noções, existe uma impressão muito disseminada de que política partidária seria *coisa de brasileiros*, e que somente eles saberiam transitar por essa esfera de forma eficiente. Sem surpresa, essa definição de *brasileiros* é muito particular: ela se refere não a todos os brasileiros, mas especificamente `aqueles que não estejam ligados de forma orgânica `a comunidade de Holambra.

A identidade *nacionale* muito fluida, como é fácil de se perceber. Como o sistema de alianças que existe no interior da comunidade é muito precário, os desentendimentos e rompimentos de relações são muito frequentes, e cada *lado* (já que não podemos, no caso, falar de *partido*) tende a definir quem é *holandês* e quem é *brasileiro* de acordo com as necessidades e imposições do momento.

Usando outra terminologia podemos dizer que, já que não há fronteiras étnicas ou nacionais claramente demarcadas e universalmente reconhecidas, elas são expandidas ou recolhidas de acordo com os interesses dos ocupantes de determinado *território* em determinado momento. É como se, face `a inexistência de um território geográfico definido e próprio de cada grupo, se optasse pela mudança parcial das fronteiras de territórios imaginários, de acordo com as necessidades apresentadas por cada situação.

O que existe, portanto, é um constante fluxo de pessoas para dentro e para fora das fronteiras que perpassam a vida cotidiana de Holambra, não de um *lugar* geográfico para outro, mas de uma *posição* nacional simbolicamente definida para outra. As regras para essa transição não são dadas por um referencial constante e imutável, mas são manipuladas e reconstruídas a cada momento, de acordo com as necessidades que vão se apresentando.

Nesse sentido, ser *brasileiro* ou ser *holandês* representam táticas de momento, que podem ser alternadamente assumidas ou abandonadas a cada situação dada. Assim, um mesmo candidato muitas vezes se apresentava, durante a campanha, como sendo *holandês* para o eleitorado *holandês*, e como sendo *brasileiro* para o eleitorado *brasileiro*.

Esse tipo de procedimento é muito claramente analisado por Goffman (1995: 41), ao lembrar que *quando o indivíduo se apresenta diante dos outros, tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade* (ou um grupo de eleitores, no nosso caso) *e até realmente mais do que o comportamento do indivíduo como um todo. Na medida em que uma representação ressalta os valores oficiais comuns da sociedade em que se processa, podemos considerá-la, à maneira de Durkheim e Radcliffe-Brown, como uma cerimônia, um rejuvenescimento e reafirmação expressivos dos valores da comunidade* (ou de uma parcela ou facção dela, diríamos).

Esse movimento complexo poderá ser melhor compreendido a partir do exame concreto da campanha pela emancipação, e também das duas primeiras eleições municipais que se seguiram a ela. São momentos em que se tornam aparentes as principais contradições entre os grupos envolvidos na interação no interior da comunidade holambresa, não só os grandes grupos *étnicos*, como também as pequenas facções que se confrontam no interior de cada um deles.

2.- Organização da colônia

Desde a instalação da colônia ocorreu um fenômeno muito particular no tocante às relações com o poder público. Tornou-se evidente para os colonos que, por terem sido atraídos a essa região e financiados pelo governo estadual de São Paulo, e também por terem o acesso ao governo federal facilitado pelos préstimos da embaixada holandesa, não era essencial que eles se relacionassem de forma próxima com as prefeituras dos municípios que dividiam a área da antiga fazenda Ribeirão.

As condições da época, final dos anos quarenta, eram muito difíceis, pois as prefeituras em cuja zona de influência Holambra se situava estavam acabando de ser instaladas, e portanto se encontravam desprovidas de recursos. Devido às características cooperativas da colônia, os próprios colonos assumiram a gestão dos serviços que hoje seriam realizados pelo poder municipal. Manutenção de estradas, eletrificação, fornecimento de água potável, serviços de saúde, coleta de lixo, tudo era realizado pela Cooperativa, que passou a atuar não só como uma cooperativa de produtores rurais, mas também como uma cooperativa de consumidores de serviços públicos.

Paralelamente a isso, por influência direta dos religiosos que migraram juntamente com os agricultores, esses começaram a organizar a sua vida civil em moldes coletivos e autogestionários, por meio de comissões de serviços. Essas comissões se constituíram por muito tempo em um verdadeiro *autogoverno* informal, dentro das terras abrangidas pela colônia de Holambra.

Temos um exemplo muito concreto no caso da escola São Paulo, fundada em 1952. Segundo uma das religiosas encarregadas do ensino das crianças, uma das primeiras realizações foi a criação de uma comissão de pais para auxiliarem no trabalho de estabelecimento e governo da escola. Segundo ela, *a direção da Cooperativa não tinha tempo para nos atender a todo o momento, e nem essa era a sua função. Então, os pais criaram essa comissão para nos apoiar e para servir de intermediária junto à direção da Cooperativa.*

Na verdade, parecemos estar diante de uma situação com a qual grupos étnicos numericamente pequenos, não raro isolados em meio a uma região rural, costumam se deffrontar. Não tem, ainda, necessidade (ou capacidade) de desenvolver um aparato de tipo estatal, no qual a autoridade pessoal dos governantes se imponha soberanamente ao conjunto dos governados.

Criam, então, uma série de instituições que se constituem em um verdadeiro *governo sem estado*, na expressão de Lawrence Krader. *O Governo por um chefe e por um conselho, ou por algum outro tipo de associação corporativa são, então, alternativas ao Governo pelo Estado. Embora todos estes se distingam do Estado pelo baixo grau de poder político centralizado e de órgãos especializados e permanentes, são, não obstante, modos explícitos de governo. Há ainda outras formas de Governo, por outro lado, que não são explícitas, e são até mais simples*(Krader, 1970: 53-54).

A prática de realizar um sistema de governo difuso e pouco hierarquizado é relativamente comum a diferentes grupos humanos, desde que se encontrem em uma situação de relativo isolamento étnico e/ou geográfico. Krader, na obra citada, realiza um estudo comparativo dos sistemas de governo não estatal desenvolvidos por vários povos, situados em regiões e tempos muito diferentes entre si.

Segundo ele, esta forma de governo espontaneamente organizado e frouxamente hierarquizado representa um *momento* da resposta dada por esses grupos à sua necessidade concreta de administração de recursos naturais e humanos. Uma vez dada sociedade tenha alcançado determinado nível de complexidade tecnológica, numérica e social, ela se encaminha para uma forma cada vez mais estatal de governo.

A estrutura informal da Comunidade, se comparada à estrutura muito mais formal da Cooperativa, nos permite compreender melhor a natureza de vários acontecimentos no interior da colônia. Nunca houve uma oposição declarada entre a Cooperativa e a Comunidade, mas sim

uma tendência a que aglutinassem diferentes esferas de atividade, interesses e lideranças.

É importante recordarmos o fato de que a Cooperativa, após a intervenção branca do governo holandês, passa a ter um caráter muito mais oficial, burocrático e distante do conjunto dos colonos. Apesar de vários deles terem direitos formais de manifestação através de sua participação no conselho administrativo da Cooperativa, a sua capacidade real de influencia sobre as decisões do grupo de funcionários encastelado na diretoria executiva era extremamente pequeno.

Apesar de o discurso oficial repetir que *a Cooperativa são os cooperados*, muitos deles criaram a consciência difusa de que *a Cooperativa é a sua diretoria*. Dessa forma, criou-se uma postura de aceitar a superioridade intelectual e administrativa da diretoria, de se esperar tudo dela, dentro de um esquema paternalista de exercício de administração e poder.

Um antigo cooperado, hoje aposentado, diz sobre aquela época: *O presidente não sabia falar direito conosco. Ele pensava que nós éramos totalmente ignorantes, e que precisávamos ser levados pela mão como criancinhas de colo. Por isso, ele criou muitos inimigos por aqui. Ele fez algumas coisas boas, mas mesmo assim o pessoal não parava de reclamar contra ele, o que o afastava mais ainda de todo o mundo. Lá na Holanda nos temos um ditado que diz que, quando o cocho está vazio, os porcos não param de gritar. Esse era o caso da Holambra naqueles tempos, todo o mundo gritava, mas ninguém tinha razão.*

3.- Novos imigrantes

Com o passar do tempo e o crescimento econômico da Cooperativa, a produção foi ficando cada vez mais diversificada, e com isso surgiu uma demanda por mão de obra capacitada e de nível superior que não podia ser totalmente suprida pelos filhos das famílias

de origem holandesa. Cada vez um numero maior deles se dirigia aos cursos superiores, mas mesmo assim o numero era insuficiente.

A solução foi passar a contratar pessoas de origem brasileira. Foi sendo criado em Holambra, portanto, um grupo brasileiro diferente daquele que havia. O grupo de brasileiros mais antigos era constituído basicamente de trabalhadores braçais, com pouca ou nenhuma qualificação profissional além do serviço *de enxada*.

O novo grupo, no entanto, era constituído por muitas pessoas de origem urbana, de outro nível social e cultural, e que portanto apresentavam diferentes demandas em relação a qualidade de vida e perspectiva de participação. Eles trouxeram para o interior da colônia novos estilos de pensamento a respeito de politica, estilos *brasileiros* de pensar sobre o exercicio do poder.

Um importante lider politico local, holambres descendente de familia italo-brasileira, diz a respeito que *os holandeses acham que tudo que e' politica e' sujeira, mas eu já tentei mostrar para vários deles que pensar assim e' burrice. Afinal de contas, se a gente não se mobilizar para resolver nossos problemas, não serão os outros que vão fazer isso por nos. Se nos não tivéssemos feito politica, nos nunca teriamos conseguido a emancipação da Holambra, e também não teriamos conseguido tudo o que conseguimos para o municipio durante o governo do prefeito atual.*

Embora um certo numero desses profissionais recém chegados houvesse se adaptado `a estrutura de vida *comunitária* que encontraram em Holambra, outros perceberam que tinham ali um campo livre para participarem da politica representativa tradicional. Dessa forma, passaram a articular a formação de candidaturas locais aos legislativos de Jaguariuna e Artur Nogueira, os dois municipios onde a maior parte de Holambra se achava situada.

Desse movimento, a principio fluido e pouco consciente, e depois bem planejado, nasceram quatro vereadores, dois em Jaguariuna e dois em Artur Nogueira. Eles viriam a ter importante papel na historia politica futura da comunidade.

Os dois vereadores em Jaquaruna eram funcionários da Cooperativa, e portanto passaram a ser vistos pelos holandeses como informais representantes da colônia, que neles descarregou seus votos. Um deles, *de fora* economista, veio de uma cidade média da região. O outro era membro de antiga família de origem italiana de Jaquaruna, técnico agrícola e participante ativo dos trabalhos da igreja.

Os vereadores em Artur Nogueira, por sua vez, eram de famílias também imigrantes, italianas, que já estavam há muitos anos estabelecidas na região. Um deles, comerciante, se tornou depois de alguns anos o primeiro prefeito de Holambra. O outro, eletrotécnico e proprietário da própria oficina, veio a ser eleito o segundo prefeito nas eleições de 1996. Por não terem maiores vínculos formais com a colônia, apesar de o segundo ter se casado com uma holandesa, ambos basearam sua campanha no eleitorado brasileiro do local.

Aquela época, mais de doze anos atrás, os brasileiros ainda estavam em uma situação de relativo equilíbrio numérico com os holandeses. Com o crescimento da produção de flores, no entanto, a *imigração* de paranaenses e mineiros aumentou enormemente, o que veio a constituir uma maioria de brasileiros de nove para um em relação aos holandeses.

Essa mudança no perfil da população até hoje não foi compreendida ou digerida pela maioria dos colonos *holandeses*, que a vem como responsável pela sua perda de poder decisório no interior do município recém criado. Um candidato a vereador, de origem holandesa, chegou a dizer que *a culpa dessa situação é dos próprios holandeses. Afinal de contas, eles é que são os patrões, e então eles bem que podiam obrigar os seus empregados a votarem nos candidatos que são favoráveis a manter o município em mãos de gente daqui, sejam paulistas, sejam holandeses. Mas eles não fazem nada, então essa situação nunca vai mudar. Nós vamos ser sempre derrotados.*

Dessa forma, a participação eleitoral, que nasceu de uma necessidade sentida por todos de procurar reclamar direitos junto às prefeituras, acabou também por precipitar uma divisão definida de

papeis entre *brasileiros* e *holandeses*. Isso não quer dizer que tínhamos dois grupos impermeáveis, um de cada lado da *fronteira*. Ao contrário, havia vários holandeses apoiando o lado *brasileiro*, assim como muitos brasileiros apoiando o lado *holandês*. Isso viria a ter efeitos muito tortos, depois da emancipação, nas campanhas eleitorais municipais.

Com o passar do tempo, ganhando experiência política e administrativa, os vereadores, e não só eles, perceberam que Holambra representava uma fonte extremamente importante de recursos para as duas cidades vizinhas. Alguns chegam a afirmar que houve época em que Holambra respondia por aproximadamente cinquenta por cento do total de impostos arrecadados pela prefeitura de Jaguariuna.

Era evidente, no entanto, que esses recursos nem de longe voltavam para Holambra na forma de benefícios. Sendo assim, foi ganhando corpo a idéia de realizar a emancipação, de formar um novo município. A campanha, que a princípio foi tímida, se transformou em um evento muito importante no interior da comunidade, a ponto de mobilizar a maioria da população.

4.- Emancipação

Como sempre foi de tradição em Holambra, formou-se uma comissão para se conseguir a emancipação, o Grupo Pro'Emancipação. Dele fez parte um certo número de voluntários interessados em contribuir para a construção do novo município. Não só alguns dos vereadores locais fizeram parte dessa comissão, como também pessoas ligadas à comunidade holandesa.

Esse grupo foi encarregado de coletar informações a respeito dos passos necessários à formação de um novo município. Esbarraram em algumas dificuldades importantes desde o início, tanto de caráter legal quanto comunitário.

As dificuldades legais diziam respeito à necessidade de que a comunidade que pretendesse se emancipar deveria forçosamente

passar antes pela condição de distrito. No caso de Holambra isso era impossível, já que o próprio centro do núcleo urbano era cortado em dois pela divisa entre Artur Nogueira e Jaguariuna. Isso inviabilizava a sua transformação em distrito, pois um núcleo não pode ser distrito de dois municípios simultaneamente.

A solução encontrada foi conseguir, via Assembleia Legislativa, a aprovação de um projeto de lei que estabelecia que um núcleo que pertencesse a mais de um município poderia se emancipar sem passar pela condição de distrito.

O único núcleo que tinha essas características no estado era Holambra, o que custou não pouco esforço por parte dos integrantes do Grupo Pró Emancipação. Viagens sem fim foram feitas a São Paulo, em busca de deputados que se propusessem a apoiar o projeto.

Um verdadeiro lobby foi montado para dar sustentação à proposta, inclusive com o envio de grande quantidade flores para *abrir portas*. Por fim o projeto foi apresentado e aprovado. Como disse um dos integrantes do grupo, *os deputados querem voto e agrado. Se você conseguir voto para eles, e fizer um agradinho também, eles fazem qualquer coisa por você.*

Os obstáculos no seio da comunidade foram mais difíceis de se vencer. Os imigrantes mais antigos, que já se ressentiam da posição de liderança que os brasileiros vinham adquirindo nos últimos anos, ficaram assustados perante a possibilidade de virem a perder de forma completa o controle da situação. E o correr do tempo veio dar razão a eles.

A comissão de emancipação conseguiu, mediante ampla campanha de esclarecimento e propaganda, fazer com que a maior parte da opinião pública holambresa ficasse a favor da emancipação.

Uma vez realizado o plebiscito determinado por lei, o *sim* ganhou com ampla margem sobre o *não*. Imediatamente, duas candidaturas se definiram: um dos vereadores de Artur Nogueira contra um dos vereadores de Jaguariuna. Ambos *brasileiros* e comprometidos com a

campanha pela emancipação, mas com propostas e estilos políticos bem diferentes.

Um deles foi rotulado como candidato *dos holandeses* e outro como *dos brasileiros*. A campanha, que começou em termos bem corteses, logo foi acirrando os animos, até chegar ao ponto em que famílias se dividiram, amizades foram rompidas, inimizades criadas.

O discurso da campanha foi centralizado no tópico *nacionalidade*, pelos candidatos aglutinados em torno da candidatura de oposição aos *holandeses*. Para eles, o candidato *dos holandeses* era autoritário e antidemocrático, avesso ao diálogo e à participação popular. Votar nele significaria fazer com que a Cooperativa continuasse mandando e desmandando na cidade recém criada, sem chance nenhuma de mudança. Assim, o candidato do outro lado seria um representante direto dos interesses *holandeses*, e sua missão consistiria em perpetuar uma situação de desigualdade em que os *brasileiros* eram os maiores perdedores.

Já o *partido holandês* foi pego completamente de surpresa pela agressividade da campanha *brasileira* e não conseguiu articular uma resposta à altura. Foi prejudicado mais ainda pela incapacidade da colônia holandesa e dos brasileiros agregados a ela de se apresentarem de forma coesa ao redor de suas propostas. O outro lado, além disso, colocou como candidato a vice-prefeito um holandês naturalizado, proprietário de uma empresa de transportes local. Em suas próprias palavras, *era necessário mostrar para os holandeses que a nossa candidatura não era contra eles, mas sim a favor de uma Holambra que fosse de todos, e não apenas de alguns. Tentamos mostrar que o povo mais simples, os brasileiros vindos do Paraná e de Minas, também tinha direitos que deviam ser respeitados, que eles deviam ser ouvidos e beneficiados pela prefeitura de Holambra.*

A escolha de um holandês como vice-prefeito foi o que bastou para reverter o quadro eleitoral, pois trouxe para o partido *brasileiro* os votos de vários membros da colônia holandesa. Antes disso, o candidato *holandês* estava com sensível vantagem sobre seus oponentes

brasileiros e desde então começou a perder vagarosamente sua posição confortável

Na verdade, o candidato que se apresentava como anti holandês aos olhos do eleitorado de baixa renda, não o era verdadeiramente, mas sim contrario `a influencia *excessiva* da diretoria da Cooperativa nos negócios locais. O candidato *dos holandeses* era, por essa altura, funcionário categorizado da Cooperativa, e contava com o apoio e endosso da diretoria em sua empreitada eleitoral.

Na medida mesma em que a politica interna da Cooperativa dividia a comunidade holambresa, essa divisão foi passada para a disputa eleitoral municipal. A escolha de um vice prefeito holandês pelo partido *brasileiro*, longe de representar uma anomalia, ou mesmo uma mera jogada de esperteza politica, foi a cristalina expressão de uma situação de fratura no interior da colônia.

Nas palavras de um funcionário de alto escalão da Cooperativa:
Nos não pensávamos que a campanha atingisse tal ponto de emocionalismo. E muito menos que ela viesse a tomar o aspecto de uma campanha anti holandesa, como foi o caso em alguns momentos. Aqueles de nos que apoiamos a emancipação de Holambra fomos muito cobrados pela oposição (ele se refere `a oposição interna da Cooperativa), fomos muitas vezes acusados de estarmos traindo os ideais e os sonhos de nossos pais. Ficamos chocadas e magoadas com isso, pois só queríamos o melhor para toda a comunidade, brasileiros e holandeses sem distinção ou oposição entre eles. Muitas e muitas noites eu passei acordado, ate com dor de barriga por causa de toda aquela preocupação. Mas parece que depois de toda aquela tempestade da campanha eleitoral veio a bonança, e nos conseguimos ter um relacionamento correto e de respeito mutuo com o prefeito eleito. Eu compreendi, depois de tudo aquilo, que e' uma verdadeira loucura um grupo tão minoritário quanto o holandês querer se transformar em um quisto cultural em nossa região. A tendência necessária e correta e' que se realize uma integração `a cultura brasileira, mas sem perdermos as características melhores da cultura de nossos pais e avos. O meu sonho

e' que daqui a cinquenta ou cem anos, as pessoas visitem Holambra e se lembrem da saga daqueles pioneiros que a fundaram e desenvolveram.

A divisãõ política no interior da comunidade holandesa apresentou a tendencia de se acentuar com o correr do tempo, `a medida em que mais candidatos de origem holandesa foram se apresentando como candidatos a postos eletivos. Nas eleições municipais realizadas em 1996, por exemplo, dezesseis candidatos vinculados `a colônia concorreram `a vereança.

Apenas dois foram eleitos, um deles o vice prefeito, que contou com o apoio declarado do prefeito. Quase todos os candidatos *holandeses* derrotados fazem questão de chamar a atenção para a desunião da colônia, que alguns deles atribuem `a *alienaçãõ* política de seus membros.

5.- Cooperativa e comunidade

Como foi visto anteriormente, a criação da Cooperativa precedeu a da Comunidade. A Cooperativa fundada em 1948, no entanto, poucos anos depois foi substituída por uma nova, que muito pouco tinha a ver com a anterior alem do nome e do ramo de atividade.

A Cooperativa concebida na Holanda para ser implantada no Brasil tinha uma grande semelhança com o modelo israelense de cooperativismo rural, o kibutz (e não por acaso, a cooperativa Holambra foi fundada no mesmo ano que o estado de Israel). Era muito forte na Europa dessa época a noção de que a recriação, em outros continentes, do velho modelo europeu de comunas rurais igualitárias não só seria possível como desejável.

Acontece que as condições encontradas pelos colonos holandeses em terras brasileiras eram tão adversas, e o capital de que dispunham era tão pequeno, que o igualitarismo encaminhou a colônia para a falência. Para supera-la foi necessária a ajuda do governo.

holandes, que a condicionou `a submissão dos colonos a um novo plano diretor e a um comissario governamental nomeado pela Holanda.

Esse processo foi minuciosamente relatado por Smits (s.d.) e, em menor grau, por Herbers (1989). Este ultimo, em referencia `a grande crise que cercou a colonia nos primeiros anos de seu processo de implantação, tenta identificar os principais motivos que tenham levado ao insucesso dos planos iniciais: *Mas então, como explicar que a KNBTB tenha colocado em andamento um projeto que apenas remotamente tinha chances de sucesso? Alem de certa dose de aventura, compreensivelmente compartilhada pelos emigrantes, ha que se levar em conta que em geral os emigrantes eram parte de uma população rural sobrando, ou seja, que a médio / longo prazo não tinha perspectiva de realocação no meio rural holandês. Não foi possível levantar a predisposição do governo holandês em auxiliar os camponeses mas, dado o nivel de vida a que eles estavam acostumados na Holanda em meados desse século, não apenas o projeto de Heymeijer mas também os colonos em geral não poderiam ser comportados nos estreitos limites dos recursos disponiveis na gestão Heymeijer; a insolvência da cooperativa e o apelo ao governo holandês, nesse sentido, eram inevitáveis.(Herbers, 1989, p. 66).*

O interventor nomeado, sr. Hogenboom, recebeu do governo holandês a tarefa de sanear administrativa e financeiramente a colônia de Holambra, e a cumpriu com grande eficiência. No entanto, os custos em termos sociais foram muito grandes, e criou-se entre os colonos (ou significativa parcela deles) uma desconfiança em relação `a direção da Cooperativa que perdura ate hoje.

Se a imagem deixada pela gestão Heymeijer entre muitos foi de gestão inepta mas bem intencionada, a gestão Hogenboom foi por eles encarada como intoleravelmente autoritária. A combinação de ambas as opiniões redundou na convicção de que a Cooperativa não era mais um somatório de todos os colonos, mas sim propriedade de sua diretoria.

E' muito provável que tenha nascido já por essa época um embrião de organização comunitária como fator de oposição `a organização

burocrática da Cooperativa. Essa interpretação ganha força a partir da constatação de que a Escola São Paulo, já em seus primórdios (foi fundada em 1952), contava com uma comissão encarregada de auxiliar as irmãs em seu gerenciamento. E poucos anos depois a direção da Cooperativa já detinha a ideia de passar a escola para o controle do governo estadual, no que foi prontamente desafiada pela totalidade dos pais (Smits, s.d.).

De forma espontânea, vagarosa mas incessante, a população foi se encarregando de sua organização comunitária nos mais variados setores. A escoteiros e escola foram se seguindo novas comissões de atividade, congregando um número sempre maior de voluntários.

Sempre se solicitava o apoio financeiro da direção da Cooperativa, mas também sempre se evitava a sua ingerência no comando interno das comissões. Não havia uma oposição declarada e visível entre as comissões e a diretoria da Cooperativa, e talvez os atores envolvidos nem mesmo percebessem o fenômeno naquela época, mas o que se mostra como evidente ao observador de hoje é que esse conflito de *vontades* era (e) muito forte.

Na verdade, o que parece ter acontecido ao longo do tempo foi, primeiro, a transformação da Cooperativa num órgão semi-governamental encarregado da administração do setor de serviços da colônia, bem como de seu planejamento econômico. Era um modelo baseado na ativa ingerência da Cooperativa, através de sua diretoria, em todos os ramos de atividade da colônia de Holambra.

Sem dúvida, muitos dos colonos se ressentiram dessa situação, ou por se sentirem prejudicados em determinados momentos em seus negócios, ou por não quererem abrir mão de sua autonomia enquanto agentes econômicos. Mas não havia condições de recusar essa ingerência da diretoria da Cooperativa, já que eles dependiam em tudo e por tudo da estrita obediência às determinações do governo holandês. Caso não fosse assim, este deixaria de apoiar o empreendimento, o que redundaria na falência definitiva de Holambra.

Esse *autoritarismo*, no entanto, não ficou sem resposta. Ao mesmo tempo em que o processo de centralização administrativa é implantado, começa vagarosamente uma valorização, por parte dos holambreses, de suas instituições comunitárias. Na verdade, a substituição do modelo cooperativista-comunitarista representado por Heymeijer, pelo modelo centralizado-empresarial representado por Hogenboom, se constitui em um importante divisor de águas para a comunidade de Holambra.

Antes da grande crise financeira da Cooperativa, nos anos cinquenta, havia uma clara tendência de se confundir atividades cooperativas com atividades comunitárias. A partir dela, começou a se tornar mais definida a distinção entre as duas. Holambra-empresa e Holambra-comunidade foram se distanciando cada vez mais, mas no bojo de um processo complexo, onde nem sempre os colonos conseguiam ver com clareza a *necessidade* de tal separação para a racionalização da administração de seus recursos.

Conforme foi salientado por Smits (s.d.), o conflito chegou a atingir proporções muito graves, com o abandono da colônia por várias famílias, prisões e ameaças de morte. Assistimos por essa época, de fato, o estabelecimento de uma autoridade central, de tipo burocrático, sobre o conjunto da colônia. O processo não se deu sem crise, mas redundou em uma vitória *de fato* para o grupo que representava o governo holandês.

O que nos interessa de momento, no entanto, não é o fato em si, mas a sua repercussão sobre a estrutura da vida comunitária holambresa. Defendo a idéia de que esse momento é decisivo pela patente ruptura entre o mundo *das coisas* (representado pela Cooperativa) e o mundo *das pessoas* (representado pela comunidade). Até então, ambos estavam formalmente ligados, e isso levava a que nenhum deles funcionasse com eficácia. A sua separação resultou no verdadeiro nascimento da Comunidade de Holambra.

Pode-se dizer que duas esferas existem, a partir de então, na colônia de Holambra: a da Cooperativa e a da Comunidade. Além disso é importante notar que, embora isso não se constitua em uma regra

rigida, e' pouco comum (embora possivel) que o mesmo individuo, ao mesmo tempo, participe de comissões em uma e outra das esferas. E' comum a participação em mais de uma comissão no interior de uma esfera, mas não em comissões de esferas diferentes.

Isso leva a pensar na possibilidade de que essas diferentes esferas, a Cooperativa e a Comunidade, que ja estiveram muito ligadas ate um passado recente, tenham se afastado porque elas representam tendências diferentes de exercicio de poder no interior da colonia de Holambra. E' um processo intrincado e muito contraditório, e que deve ser estudado a partir de agora por um espaço de tempo prolongado para que se possa observar a eficacia da hipótese ou sua falsidade.

Penso que esse e' um ponto que merece analise mais detalhada ao longo dos próximos anos. Ele pode ajudar a explicar a dinâmica interna da vida holambresa e também, em termos mais gerais, da questão da distribuição do poder político e do seu exercicio em comunidades imigrantes e minoritárias.

6.- Comunidade e comissões

A atual estrutura de funcionamento da Comunidade e' muito simples. A comissão central da Comunidade Holambra, eleita da mesma forma que todas as demais, tem o encargo de coordenar as atividades das comissões setoriais. Ela não tem qualquer poder de ingerência sobre a política interna destas ultimas, atuando apenas como um canal de comunicação entre todas elas.

Sugeri acima que a Cooperativa e a Comunidade representaram durante muito tempo instancias de um verdadeiro autogoverno dos colonos, dada a distancia geográfica e étnica que os separava dos centros administrativos municipais mais próximos. Nessa mesma medida, esse *governo* passou a representar uma instancia de exercicio de poder político, e palco privilegiado de disputa por ele.

Recorde-se que a Cooperativa, por estar muito mais centrada na atividade econômica, tinha uma função mais abrangente e concreta,

razão pela qual sua diretoria sempre esteve ligada a todas as lutas internas da colônia. A Comunidade, por seu turno, sempre teve um caráter visto como mais acessório e setorial ou, em uma palavra, *cultural*. Por essa razão vemos que a participação nos conselhos da Cooperativa sempre foi exclusivamente *masculina* e a participação nas comissões da Comunidade majoritariamente *feminina*.

Essa divisão é bastante compreensível em uma comunidade de base agrária, com uma cultura camponesa de tipo europeu solidamente enraizada. O mundo dos homens é sempre o dos negócios, o seu lugar é o campo, a estufa de cultivo, a rua. O mundo das mulheres, por outro lado, é o da família, dos filhos e de sua educação, a casa. A participação nas comissões da Cooperativa é vista, nas palavras de uma observadora crítica da vida holambresa, como *muito trabalhosa para mulheres, elas preferem muito mais participar das comissões da Comunidade, porque isso é também uma forma de lazer. As comissões da Cooperativa dão muita dor de cabeça, e já que o casal atua como um time unido, as mulheres sempre ficam sabendo através de seus maridos o que acontece nas reuniões de que eles participam.*

Na medida em que *brasileiros*, gente vinda *de fora* passa a participar da vida da colônia, é natural que eles sejam primeiramente integrados à vida participativa através das comissões da Comunidade, que são vistas como um foro menos importante que os conselhos da Cooperativa. É só depois de um certo período de experiência que esses *estrangeiros* se tornam aceitos no interior da vida efetiva da colônia, e até mesmo a nível de participação ativa no interior da estrutura da Cooperativa.

Dessa forma, existe uma relação complexa de oposição e complementaridade entre Cooperativa e Comunidade, onde ambas representam faces da mesma moeda. Com o correr do tempo, no entanto, a Cooperativa, assediada por problemas administrativos e financeiros cada vez maiores, passa a se livrar dos encargos menos *econômicos* da vida da colônia, dando autonomia cada vez maior à Comunidade. A

partir de um certo ponto, esta passa a ter vida própria em relação à Cooperativa e à sua direção.

A participação das comissões da Comunidade na vida cotidiana da colônia passa a ser cada vez maior, e a partir daí elas vão se tornando cada vez mais *atuantes* e mais *masculinas*. Com efeito, se observarmos de um ponto de vista temporal, poderemos perceber que a tendência é que um número maior de homens se tornem membros ativos das comissões comunitárias, criando um maior equilíbrio entre os sexos. O mesmo processo não ocorre no interior da Cooperativa, que continua a ser um foro quase que exclusivamente masculino, onde as mulheres apenas participam em níveis auxiliares.

O que parece claro aos atores *de fora* muitas vezes parece passar despercebido aos atores *de dentro* da Cooperativa: as comissões da Comunidade tendem a se tornar instâncias de poder importantes no interior da comunidade de origem holandesa. E isso acontece à medida em que a Cooperativa passa por uma crise financeira grave, e também em que muitas de suas funções de serviços passam a ser assumidas por uma nova esfera administrativa e política, que é a Prefeitura Municipal.

Por esse motivo, muitos dos atores políticos que não encontraram lugar de atuação legislativa e executiva nas duas últimas eleições municipais, assumiram a alternativa de participar ativamente da vida comunitária restrita (a da colônia de origem holandesa) e ampliada (do município em sua totalidade) através de associações de serviço não ligadas diretamente a ela, como a Associação Comercial e o Rotary Club.

Essas associações, uma novidade na vida de Holambra, são vistas por muitos de seus integrantes como órgãos representativos dos novos tempos que estão chegando, que reclamam uma atuação mais efetiva e *moderna*.

Para um dos seus membros de maior responsabilidade, importante empresário ouvido em um momento de franqueza: *no fundo, o problema principal da nossa comunidade é o do exercício do poder. A*

velha forma de atuação por meio de comissões está com os dias contados, porque elas não conseguiram dar conta dos desafios que a mudança dos tempos nos fizeram. O que adianta participar das comissões da Cooperativa se a Cooperativa está falida? E o que adianta participar das comissões da Comunidade, se aquilo não passa de um bando de sonhadores que tenta preservar uma forma de vida que já acabou? O Rotary e a Associação Comercial e' que são o futuro da Holambra. Só eles e' que podem influenciar as decisões do prefeito, seja ele quem for, e só eles e' que daqui para a frente vão ter poder para falar de igual para igual para qualquer politico em qualquer nivel. Para você ver como eu tenho razão, e' só lembrar que quando a Cooperativa teve de reerguer a Expoflora, em quem ela foi se apoiar? No Rotary e na Associação Comercial. Esse e' que e' o futuro da Holambra, criar uma nova forma de organização que permita governar por cima das formas mais antigas de poder. E também e' a forma mais democrática, porque permite atuar de forma eficiente mesmo quando a Cooperativa e a Prefeitura estiverem desinteressadas pelos nossos problemas ou contra nos. Desse jeito, nos ficamos livres dos politicos da Cooperativa, da Prefeitura, e do bando de fofoqueiros das comissões da Comunidade.

7.- Clubes de serviço

Esses clubes, como pudemos perceber pelo depoimento anterior, não se retraem à medida em que a Cooperativa enfrenta sua hora da verdade financeira e a Prefeitura passa a assumir a administração do município como um todo. Ao contrario, elas se tornam cada vez mais ativas e participativas na vida de Holambra, a ponto de se tornarem interlocutores procurados por aquelas duas instancias *oficiais* de poder.

Assim, quando a diretoria da Cooperativa teve que reestruturar de forma completa a Expoflora, um dos empreendimentos que mais carregam dividendos para seus cofres, mas que vinha de dois anos sucessivos de resultados muito fracos, ela procurou, depois de vários anos, o auxilio das comissões comunitárias, do Rotary e da Associação Comercial na qualidade de co-planejadores e executores da Exposição.

Ao mesmo tempo, o diretor holandês da Expoflora foi substituído por um brasileiro. Por coincidência ou por efeito desse conjunto de modificações, o número de visitantes subiu mais de cinquenta por cento e o faturamento geral chegou bem perto dos seis milhões de dólares.

Da mesma forma, embora seguindo um caminho inverso, a defesa do meio ambiente de Holambra foi uma bandeira assumida pelo Rotary Club, que realizou uma mobilização muito efetiva, a ponto de forçar a Prefeitura a se unir a ele no trabalho concreto de fiscalização e proteção dos mananciais de água potável e das matas remanescentes do município.

O Rotary, com esse trabalho, chegou a se tornar um interlocutor direto de órgãos públicos como a Procuradoria do Meio Ambiente e a Polícia Florestal, que passaram a procura-lo em lugar da Prefeitura.

Sem dúvida que tal situação de súbita notoriedade e de evidente prestígio não deixaria de produzir reações iradas por parte dos grupos comprometidos com o jeito tradicional de fazer política no interior da Comunidade.

Muitas pessoas passaram a ver o Rotary Club como um inimigo da estrutura tradicional de poder, como se pode perceber pelo depoimento seguinte, dado por um pequeno empresário que acabava de se retirar do clube por discordar das posições de sua diretoria. *Eu sai' porque não concordo de forma nenhuma com a maneira de eles fazerem as coisas. Eles não deixam espaço nenhum para os outros agirem, só' eles querem estar por cima, mandando. E' uma panela que age como se fosse um partido politico, querendo engolir todo o mundo. Desse jeito, o Rotary não vai deixar mais nenhum espaço para as comissões da Comunidade agirem. Um bom exemplo e' o que eles fizeram durante a Expoflora, quando controlaram um monte de barracas e a venda do sorvete. Com isso, eles prejudicaram os ganhos de varias comissões, principalmente a dos escoteiros. Eu acho que o que nos precisamos, para o bem da Comunidade, e' primeiro destruir o Rotary, para depois voltar a construí-lo com outras pessoas.*

É evidente que não é apenas uma pessoa que pensa assim, mas um número significativo dos atores que se sentem prejudicados pelas mudanças enfrentadas pelo sistema associativo tradicional. Essas mudanças causam contradições que, no quadro das tradições associativas holambresas, não encontram solução.

O sistema tradicional de organização cooperativista e comunitário está se debruçando com uma situação completamente nova, para a qual eles não estavam preparados. Sem dúvida que estão buscando se articular e organizar para absorver essas mudanças, mas não estão demonstrando competência para isso, pelo menos até o presente momento.

O que me parece notável é esta incapacidade das lideranças tradicionais em adotarem não somente uma nova linguagem, mais *política* mas também novas formas de atuação *política*.

Alem do Rotary, também a Associação Comercial passou a atuar com grande autonomia e empenho, chegando a facilitar gestões de renegociação de dívidas da Cooperativa através de contatos políticos na esfera estadual e federal.

É importante notar que a Associação não tem qualquer tipo de vinculação direta à Cooperativa. Ao contrário, sempre foi vista por setores ligados a esta como uma mera reunião de pequenos comerciantes ligados ao varejo e ao turismo.

A Associação também assumiu o papel oficioso de intermediária entre a Prefeitura e a Cooperativa, cujos escalões superiores não se comunicam com facilidade e fluência desde os tempos traumáticos da campanha pela emancipação do município.

É muito importante frisar, portanto, que um fluxo constante de poder e informações privilegiadas passa através de todas essas entidades, unindo-as umas vezes, opondo-as outras, mas sempre as caracterizando como um ponto de reunião das pessoas que participam dos círculos internos do poder local.

Esse processo não é característica única de Holambra, mas foi igualmente observado em pequenas comunidades de base agrária nos

Estados Unidos: *The luncheon clubs provide a good place in which to exchange ideas, thus helping to keep a kind of like-mindedness. There is a camaraderie and a good-fellowship present in the atmosphere of the clubs which helps greatly to cement the relations between the participants in these fairly select gatherings (...)* The clubs are a place where select members of the under-structure and some members of the upper-structure of power may meet (Hunter, 1990, pp 184-186).

8.- Os associados.

A formação desses clubes de informações e poder é um fenômeno recente em Holambra, embora muito antiga em outros lugares. Até há bem pouco tempo, as comissões da Cooperativa e da Comunidade preencheriam com bastante eficiência o seu papel, mas isso deixou de ser possível a partir do momento em que a comunidade holambresa foi se tornando cada vez mais complexa e populosa.

Com efeito, essas comissões se desincumbiram com bastante eficiência de suas obrigações enquanto a comunidade era meramente um aglomerado de sítiantes unidos por laços étnicos e religiosos muito próximos. As divergências internas poderiam ser sanadas, como de fato o eram, dentro dos quadros restritos dessas comissões, onde a relação era sempre pessoal e, às vezes, familiar.

A partir do momento em que houve um crescimento repentino e explosivo da população, inclusive com a sua diversificação étnica e cultural, as comissões foram, num processo muito lento, sendo reduzidas a ser um mecanismo que não mais conseguia dar conta de todas as contradições emergentes.

Holambra é uma comunidade muito peculiar. Geograficamente inexpressivo, o município tem apenas sessenta quilômetros quadrados de área. Sua população total é realmente pequena, cerca de nove mil habitantes, e o centro urbano mal e mal alcança quatro mil habitantes.

No entanto, dentro de suas fronteiras se concentra cerca da metade da produção brasileira de flores e plantas ornamentais, e ela se

constitui no maior centro de floricultura da América do Sul. Sua economia é umbilicalmente ligada aos centros mais dinâmicos do mercado mundial do segmento, como Holanda e Estados Unidos.

Isso tudo faz com que seja uma comunidade de características completamente diferentes das demais da região, e faz também com que seus processos sociais internos mereçam uma consideração bem mais do que circunstancial. É importante, portanto, identificar e analisar o processo complexo de formação e circulação dos fluxos de poder e informação que percorrem a comunidade como um todo.

O surgimento de clubes como o Rotary e a Associação Comercial, muito mais abrangentes e atuantes a nível da população brasileira, representou um momento de inflexão na vida associativa da colônia. A reação inicial dos *holandeses* foi de desconfiança e mesmo de recusa em participar, já que cada um desses clubes era visto como *apenas mais uma comissão*, com o agravante de que eram comissões estranhas à tradição holambresa.

Com o correr do tempo, no entanto, algumas pessoas dentre as mais esclarecidas e qualificadas em termos de profissão e escolarização passaram a ingressar vagarosamente nesses clubes, ocupando lugar cada vez maior em seus quadros.

Isso não significa que os colonos como um todo tenham percebido a importância estratégica de tais associações para a sua prática política. A maioria esmagadora dos seus membros *holandeses* é muito diferenciada em relação ao conjunto da colônia.

Dos associados ao Rotary Club, por exemplo, tanto *brasileiros* quanto *holandeses*, a quase totalidade é composta de pessoas que têm pelo menos o curso universitário completo, quando não cursos de especialização e pós graduação tanto no Brasil quanto no exterior. De vinte rotarianos, dezessete contam com formação universitária em vários graus, e três com segundo grau completo. Esses, dois *brasileiros* e um *holandês*, todos holambreses, são empresários de sucesso e contam com definida liderança no seio da comunidade.

Esses clubes e associações de serviço parecem possuir um maior grau de adaptabilidade às mudanças sentidas pela colônia e, ao contrário das comissões tradicionais, se colocam com clareza, pelo menos em seus estratos dirigentes, seu papel de agências de manipulação de prestígio, de informação e de exercício de poder no interior da comunidade. O que parece estar acontecendo no momento presente é uma *migração do poder*, a sua troca de mãos e de função no interior da vida comunitária.

Um novo estrato dirigente parece estar se formando, e lutando por seu lugar ao sol. Ele não é constituído mais a partir de fronteiras *étnicas* definidas, como era comum nos primeiros tempos da colônia, quando a língua, o parentesco e os esquemas tradicionais de relacionamento prevaleciam.

O grupo emergente se constitui, na verdade, em uma nova *aristocracia política* que aspira a uma posição de prestígio e efetivo acesso ao poder que seja condizente com sua superioridade técnica e educacional.

Os grupos tradicionais, em grande medida, são constituídos por pessoas que detêm poder político e econômico, mas não sabem manejar as ferramentas mais *tecnológicas e científicas* do mundo *moderno* dentro do qual Holambra vai sendo lançada pela própria dinâmica de sua economia hiper-especializada.

Para compreendermos esse processo de forma abrangente, precisamos partir da análise do processo interno de formação, funcionamento e construção de significados das Comissões comunitárias. Eles nos permitirão perceber de forma mais abrangente os motivos pelos quais eles parecem ter se tornado obsoletos em relação aos novos tempos.

Um bom exemplo de trabalho comunitário, que pode ser agregado ao da Escola São Paulo, é o da exposição floral anual. Ela mobiliza amplos setores da comunidade holambresa, apesar de apresentar nos últimos três ou quatro anos sinais de retração no que toca ao

envolvimento espontâneo da comunidade. A festa está em processo de *profissionalização e terceirização*.

9.- Expoflora.

Pelas condições muito particulares em que foi formada e desenvolvida a colônia de Holambra em seus primeiros tempos, criou-se uma espécie de estrutura informal de governo que, no início, passava pelas mãos da diretoria da Cooperativa. Bem cedo, no entanto, novas agências de administração da vida comunitária vão sendo desenvolvidas.

Essas agências, formadas ao redor de núcleos de atividade social e lazer, passam a catalisar um número cada vez maior de elementos desejosos de notoriedade e ascensão social no interior da comunidade.

Algumas vezes, elas servem como mero trampolim para indivíduos que desejam ingressar no interior dos quadros mais formalizados e hierarquizados da Cooperativa. Em outras ocasiões, elas passam a ser um fim em si, na forma de agências fornecedoras de prestígio e poder.

Essas comissões foram eficientes enquanto no interior de uma comunidade de caráter mais fechado e onde as transformações se davam em um ritmo muito lento, como o era Holambra nos primeiros tempos de sua implantação.

O problema que se apresenta nos novos tempos, quando a Cooperativa passa a enfrentar uma crise de grande amplitude, e quando ela tem de se adaptar a uma situação de escassez de créditos e de mercado em retração, é o do caráter paternalista-autoritário de sua gestão.

De uma forma que chegou a ser realmente traumática para muitos cooperados, a Cooperativa retirou seu manto protetor de sobre eles, lançando-os na dura realidade do mercado. De um momento para o outro, todos tiveram de se tornar responsáveis pelas suas próprias

dividas perante os bancos credores, o que redundou em uma quebraadeira geral entre os produtores mais endividados e com menor capacidade administrativa.

O caráter semigovernamental da Cooperativa teve sua legitimidade colocada em cheque, portanto, na medida em que ela se mostrou incapaz de responder às necessidades mais urgentes de seus associados. Ao mesmo tempo, a crise se estendeu para as comissões da Comunidade, que eram suas gêmeas e *rivals* no papel de representantes das necessidades e anseios dos colonos. Quanto mais a situação foi se agravando, menos tempo e dedicação os colonos puderam dedicar a seu trabalho voluntário no interior das comissões comunitárias.

Na verdade, o que parece acontecer é um colapso do sistema tradicional de cooptação de lideranças por parte das organizações criadas pelos colonos ao longo de todo o período de seu estabelecimento no Brasil. Os problemas que se apresentaram a essas lideranças não foram passíveis de resolução nos quadros da política comunitária costumeira, e elas vivem hoje um período de crise profunda.

Essa crise toma a forma de um desânimo grande em relação à política comunitária tradicional, uma perda de iniciativa no tocante à política partidária e administrativa municipal e à política de condução dos negócios no ambiente da Cooperativa. O problema que me parece ser de maior importância é a patente apatia das lideranças comunitárias em relação à busca de alternativas para a superação dessa crise, seja em seus aspectos cooperativistas, seja em seus aspectos comunitários.

Por certo que existem tentativas individuais de suplantar essa inação, mas elas são grandemente dificultadas pela forma de associação construída pelos colonos. Essa foi muito funcional nos primeiros tempos de implantação da colônia, mas paulatinamente veio a se tornar um entrave à modernização do sistema de se fazer política, em seus vários níveis, seja o comunitário no sentido estrito (de comunidade de origem holandesa), seja no sentido amplo (de comunidade multi étnica a nível de município).

E' patente que estamos entrando em um periodo de rapidas e conflituosas redefinições de valores e de tradições, e também de estabelecimento de novos tipos de relações entre os varios grupos sociais e *étnicos* que compõem a comunidade.

Essas contradições não podem ser contidas nos estreitos limites das relações de trabalho e política que se travam entre *brasileiros* e *holandeses*, mas se espalham por todos os campos onde se dá a representação de papeis *étnicos* e pessoais.

Não ha forma de dar conta de um processo tão complexo e abrangente nos limites de uma dissertação de mestrado, e por esse motivo circunscrevi a análise às fronteiras do grupo holambres. Acredito que muitos dos problemas vividos por esse grupo são frutos de sua forma peculiar de organização comunitária que, como já sugeri, perdeu sua eficácia frente à nova gama de questões que se lhe apresentaram.

Sendo assim, tentarei compreender a dinâmica interna dessa organização mediante a análise de alguns dos seus grupos de socialização e ação comunitária. E' importante tentar compreendê-los não só em sua dinâmica interna, mas também nos termos de sua relação de mutua interdependência.

O cenário no qual esses grupos atuam e *vivem* será melhor iluminado a partir da observação de uma situação que dramatiza e exacerba a definição de papeis e de seus conflitos, um momento que rompe, episodicamente, o caráter rotineiro da vida comunitária. Esse momento e' constituído pela Expoflora, um evento que representa uma verdadeira marca divisória nas atividades costumeiras do grupo holambres.

A Expoflora e' o momento do ano durante o qual as varias entidades que vivem do trabalho comunitário, e a ele se dedicam, tem a oportunidade de acumular dinheiro para seu sustento ao longo dos doze meses subsequentes. Por isso mesmo, e' durante ela que o trabalho voluntário se acentua.

Realizada pela primeira vez em 1982, a Expoflora nasceu da necessidade sentida, por um grupo de produtores e comerciantes de

flores de Holambra, de tornar mais conhecidos os seus produtos. Foram contratados dois decoradores holandeses, e realizada uma demonstração da arte de arranjos florais no salão de festas do clube local.

Apesar de seu caráter muito restrito, a primeira versão da exposição teve tamanho sucesso que surpreendeu os organizadores. Cerca de dez mil pessoas visitaram a exposição, numero absolutamente incompatível com as dimensões acanhadas do recinto.

A maior parte das pessoas tinha, em um primeiro momento, considerado absolutamente visionário o projeto de uma exposição de flores e plantas ornamentais. Confrontado com a realidade dos fatos, no entanto, o conjunto da comunidade resolveu tirar proveito de seu sucesso, e aderiu em peso à idéia.

Hoje, em sua ultima versão, a Expoflora já é um empreendimento que movimentava cerca de seis milhões de dólares em um mês. Centenas de pessoas trabalham no planejamento e realização do evento, que conta com a parceria de grandes empresas de vários setores, como Coca Cola, Yopa, Royal Sluis, Kodak e Schoenmaker, entre outras.

O publico, antes restrito às cidades vizinhas, hoje vem de todo o país. Nesse ano de 1997, mais de duzentas mil pessoas visitaram a Exposição. De simples feira de flores e plantas ornamentais, a Expoflora se transformou em um evento cultural sem paralelo em toda a região, e mobiliza e populariza a visão de uma cultura holandesa.

Esse fato tem uma importância realmente grande no tocante à comunidade holambresa, já que desviou de seus rumos normais o processo de aculturação dos colonos e seus descendentes. Devido à valorização da cultura holandesa gerada pela Expoflora, revitalizaram-se os traços culturais dos imigrantes. Mas isso ocorre em um patamar muito especial e característico, que será discutido em detalhe mais tarde.

Hoje, a Expoflora conta com um recinto especialmente projetado para a sua realização, que tem a área aproximada de dez hectares (computando-se a área dedicada a estacionamento). É dividida em

zonas de atração que se distribuem uniformemente por todo o recinto da Exposição. As principais são as seguintes:

1) *Exposição floral*- são três pavilhões totalmente dedicados às artes de paisagismo e decoração, que a cada ano tem o seu enfoque modificado de maneira uniforme.

2) *Lojas de produtos típicos holandeses*- souvenirs, presentes e objetos de decoração doméstica trazidos diretamente da Holanda.

3) *Barracas de comida* - poucas delas tem algo a ver com a culinária típica holandesa, mas mesmo assim são um dos setores principais da festa, pelo enorme afluxo de clientes e pelos altos valores gerados. É aqui que se situam as entidades comunitárias e seus voluntários, pois o produto do trabalho nesse setor é revertido em numerário que sustentará cada entidade por todo o ano seguinte.

4) *Garden Center* - é o local de venda de flores e plantas. Altamente procurado, multiplica de forma sensível as vendas dos produtores de Holambra, mesmo em se tratando de comércio de varejo. A alta concentração de público torna-o um local estratégico não só para vendas, como também para a divulgação dos produtos com a grife Holambra.

5) *Geral*- reúne um pouco de tudo, desde grandes empresas que desejam divulgar seus produtos até o pequeno comerciante que está apenas um degrau acima do ambulante de rua.

6) *Diversões*- não tem uma localização geográfica definida. Os eventos acontecem todo o tempo, por todo o recinto da exposição, e reúnem desde dança folclórica holandesa e de países convidados até bandas de música, corais, trupes de palhaços, mímicos, mini-sítio e parque de diversões. Essa área de atividades vem ganhando importância ano a ano, e o Grupo de Dança de Holambra vem crescendo com ela em importância, dentro e fora da comunidade local. Falaremos sobre ele mais tarde, pois em nossa opinião sua importância é excepcional para a compreensão de uma série de processos que se desenrolam no interior da comunidade.

A edição de 1997 começou com a Parada das Flores, inédita e criada sob inspiração das paradas de flores que se realizam anualmente em Aalsmer (Holanda) e Pasadena (Estados Unidos).

Diversamente das precedentes, a Parada das Flores de Holambra não foi mecanizada. Os carrinhos foram puxados por jovens do grupo de dança vestidos com suas roupas típicas. Vinte carrinhos, representando entidades de Holambra que desejaram participar, totalmente decorados com arranjos florais, passearam por dentro de todo o recinto da exposição. O efeito junto aos presentes foi muito forte, já que esse tipo de desfile é virtualmente desconhecido no Brasil.

A seguir, o público teve acesso ao recinto da exposição. A circulação, livre e totalmente não direcionada, não confinava o público a uma área específica, assim como também não instituiu uma hierarquia de atrações. O visitante teve total liberdade para determinar por si próprio o centro de seus interesses, e também como chegar até ele.

É curioso notar que para não poucas pessoas isso representou um fator de inibição, já que é prática comum em eventos do gênero que haja separação estrita entre áreas públicas, onde se pode circular, e áreas proibidas, onde o público não pode penetrar.

Exemplo claro dessa tendência a redefinir a utilização e *leitura* do espaço foi o modelo de exibição do Grupo de Dança, que abandonou o estilo tradicional de espetáculo de palco. Ainda houve danças no palco, mas em sua maior parte foram substituídas por exibições relâmpago, realizadas literalmente no meio do público.

Essa alteração realizada no uso do espaço e em sua delimitação terminam por colocar em evidência toda a sorte de imagens e de manipulação de símbolos em que são especialmente ricos os eventos públicos, principalmente os desse tipo, onde se torna necessário valorizar as diferenças culturais e sociais entre os atores e a plateia.

Outro ponto de especial interesse, já que envolve interação intensa, é o contato que se estabelece entre compradores e vendedores no interior das lojas de artesanato típico e de comidas típicas. Os compradores tendem a preferir comprar nas lojas onde atendentes

sejam holandeses ou em que, ao menos, estejam vestidos com algum adereço que os identifique como tal.

Assim, durante a transação, o comprador tem a expectativa de que o vendedor seja ao menos morador de Holambra, que vista um boné tipicamente holandês, que de preferência tenha algum tipo de sotaque e seja loiro e de olhos claros. Em suma, o comprador requer a satisfação de suas expectativas quanto ao fato de estar em uma colônia estrangeira.

Levando em conta esse tipo de expectativa, os hospedeiros holambreses tendem a se apresentar de forma não só a satisfazerem as expectativas dos visitantes, mas também de forma a satisfazerem as suas próprias necessidades de reconhecimento e identificação. Assim, não está somente em pauta a necessidade sentida por eles de venda de suas mercadorias. Também se coloca intensamente a necessidade de construção e apresentação de sua própria auto-imagem enquanto *holambreses*, e em alguns casos enquanto *imigrantes*.

Assim, os jovens do grupo de dança andam pelo recinto orgulhosamente vestidos em suas roupas típicas, as mesmas que seus pais rejeitavam até há pouco tempo como coisas de caipira, velharias dos velhos tempos. Da mesma forma que seus pais tentaram ao máximo falar português sem sotaque, para assim demonstrarem ascensão social frente às gerações que os precederam, esses jovens circulam no meio do público falando holandês (ou *o que eles julgam ser holandês*, nas palavras de um turista holandês), língua que eles usam muito pouco (ou mesmo nada) no seu dia-a-dia.

Até mesmo os mais velhos se apresentam com adereços que os identifiquem como holandeses perante o público. Um exemplo claro disso é o uso intensivo de lenços coloridos amarrados ao pescoço, e também de bonés pretos de camponês. Ninguém usa esse tipo de coisa comumente, hoje em dia, são símbolos de roceiro para um holandês, mas durante a Expoflora eles se transformam em símbolos de prestígio e posição que dignificam quem os usa.

Sem duvida nenhuma, existe um forte componente comercial nessas praticas. Afinal de contas, a festa existe para arrecadar fundos para a comunidade, para promover os produtos de Holambra e tambem das grandes empresas que patrocinam a festa.

No entanto, em nossa opinião, essa postura nascida do puro e simples comercialismo acabou por ter efeitos que vão muito alem dos seus objetivos conscientes e assumidos. E' como se certas praticas, uma vez criadas e colocadas em ação, adquirissem vida própria e independente da vontade de seus criadores.

Assim, ao criar um evento com fins comerciais, o que alguns produtores e comerciantes de Holambra estavam começando era um processo complexo de revitalizacao do grupo e de sua cultura característica. Esse processo trouxe em seu bojo um modelo reciclado de ação cultural no seio da comunidade.

CAPITULO II

OS GRUPOS DE SOCIALIZAÇÃO

Quando observamos uma comunidade ou um grupo determinados no processo de sua vida cotidiana; quando olhamos para as pessoas que estão imersas em seu irresistível fluxo de atividades de interação, rotineiras ou não; quando somos testemunhas de seu esforço em se comunicarem umas com as outras, e também de seu esforço incessante de imposição de poder de umas sobre as outras; *então* estamos fadados a realizar a tarefa de observar, descrever, analisar e participar de todo esse processo.

O encargo do cientista social, além disso, consiste não somente na análise dos fenômenos que ele observa no interior de seu objeto de estudo, mas também na luta contra a tendência a se deixar hipnotizar pela aparência das coisas, pelo feitiço das idéias e das palavras. Conseguir alcançar esse objetivo representa o desafio sempre renovado ao qual o sociólogo e o antropólogo estão atados por sua própria área de trabalho, as sociedades humanas.

A medida em que fui realizando a pesquisa de campo, mais e mais me convencia da necessidade de traçar os caminhos pelos quais transitam os atores sociais em sua busca de integração, comunicação e poder. E, no caso específico do poder, falamos não somente do poder político exercido a nível de administração estatal, mas também daquele exercido e construído fora da esfera da atuação formal.

O poder de tipo *estatal* é muito mais formal e hierarquizado. Em uma palavra, ele é *burocrático*, e como tal é exercido de forma mais ou menos impessoal e ritualizada. Seus agentes são de alguma forma revestidos de uma aparência uniforme e homogênea, que lhes é cedida (e imposta) pelo próprio mecanismo que os escolhe e investe.

A burocracia do (e no) poder retira sua legitimidade do complexo de consentimento-e-imposição que resultou da criação do aparelho estatal.

Prefeitos, presidentes, governadores, magistrados, policiais, fiscais, militares, todos eles tem em comum essa marca *estatal* de origem e aparência.

Ja' o tipo de poder que me interessa discutir, aquele que chama de forma muito forte a atenção na comunidade pesquisada, e' de outra natureza. Ele e' construido a partir dos processos sutis da vida cotidiana, de um incessante fluxo de acontecimentos corriqueiros que não pode ser apreendido a partir da análise de grandes eventos de tipo *estatal* ou *macro social*.

E' um poder que e' constantemente reconstruido no processo mesmo da interação face a face, que aproxima, opõe e reconcilia os atores sociais de forma incessante. Ao contrario do poder de tipo estatal, que e' impessoal e abstratamente ritualizado, o poder que pretendi observar ao longo de minha pesquisa de campo e' muito mais de tipo pessoal, e tem uma face, ou melhor dizendo, *múltiplas faces* muito bem definidas.

Ele apresenta também um certo tipo de ritualizacao, mas ela provem de fontes diferentes. A ritualizacao de tal poder provem não de eventos extraordinários, como eleições, diplomas universitários, patentes militares. Ela se faz de forma quase imperceptível, no relacionamento diário dos agentes sociais. E' uma ritualizacao que se faz tanto mais eficiente, quanto menos e' percebida enquanto tal.

O objeto desse capitulo, portanto, será' definido como o da ritualizacao da vida cotidiana. De uma certa forma, pode-se dizer que a conduta cotidiana, a interação que envolve incessantemente múltiplos atores, e' concretamente *politica*. E ela e' mais *politica* ainda na comunidade estudada, que por longos anos se auto governou de forma quase que completamente autônoma em relação ao poder estatal.

Dessa maneira, foram desenvolvidos mecanismos de exercício de poder, e também da sua necessária legitimação, que são bastante diferentes daqueles costumeiramente encontrados nas pequenas comunidades do interior de São Paulo. Dai' advém o grande interesse sociológico e antropológico de sua análise e descrição.

A formação da colônia de Holambra e sua inserção na história e na economia regionais já foram vistas em capítulo precedente, mas isso não é o bastante para que consigamos alcançar a compreensão a respeito de como a vida se processa em seu interior. De que forma evoluem os sutis processos de acomodação ao novo país? Como se reinterpreta em terras brasileiras o complexo de tradições e práticas trazidas da Holanda há quase meio século? Como se superpõem e se influenciam reciprocamente a comunidade holambresa e a regional?

1.- Relações entre gerações.

A família holambresa típica é constituída por pai, mãe e filhos. Ao contrário da tradição familiar sul europeia, a holandesa só muito raramente aceita a permanência dos avós junto à unidade familiar. Em geral, a geração dos avós deve residir sozinha, mantendo autonomia em relação aos filhos e netos, e desses para com ela.

Um exemplo claro disso é o fato de que foi construída no centro de Holambra uma vila destinada exclusivamente aos holambreses mais velhos, o Centro Social. Lá, apenas podem residir pessoas de mais de sessenta anos, embora haja uma ou outra raríssima exceção. Os seus habitantes levam uma vida autônoma e quase que completamente independente em relação aos descendentes. As visitas dos filhos e netos aos avós são frequentes, mas não seria visto com bons olhos o fato de casais das gerações mais novas residirem ali.

Ao chegar à idade propícia à aposentadoria, o casal distribui os seus bens aos filhos, e esses se encarregam de pagar pela herança uma certa quantia, de forma periódica. Esse pagamento dos filhos, somado à aposentadoria (em geral paga pelo instituto de previdência do governo holandês), garante aos mais velhos um padrão de vida muito confortável. Muitos deles chegam a viajar anualmente para a Holanda, a fim de manterem vivos seus laços de comunicação com os parentes. Dessa forma, a geração dos avós, que foram os pioneiros no estabelecimento

da colônia, e' uma das principais responsáveis pela manutenção dos laços de comunicação com a terra de origem.

Outros canais seriam representados pelas frequentes vindas de parentes holandeses ao Brasil, em visitas de turismo que envolvem não somente Holambra, como também viagens ao Pantanal, a Foz de Iguaçu e às cidades históricas de Minas Gerais, por exemplo. A seguir, em ordem decrescente de importância, estariam as visitas dos jovens holambreses à Holanda, para trabalho e/ou estudo, e as relações de negócio, bem mais raras e restritas às maiores empresas familiares.

Dessa forma, a figura dos avos não é tão presente e atuante na vida cotidiana quanto entre as famílias *brasileiras* da região. Os laços de afetividade são fortes entre as gerações, e as visitas entre os grupos de avos e de filhos/netos são frequentes, como já salientei. No entanto, o fluxo é muito mais frequente de uma determinada direção a outra. A direção preferencial dessas visitas é dos mais jovens para os mais velhos.

Espera-se que filhos e netos visitem os avos com muita frequência, mas que o fluxo contrário seja menos intenso. Já que a família nuclear dos filhos está em seu começo, com o casal ainda passando pelos naturais ajustes requeridos por uma vida em comum, seria visto como intromissão quase intolerável por todos a presença constante dos avos junto a eles. É encarada com grande reserva a intromissão dos mais velhos em relação à educação dos netos, seja a escolar, seja a familiar.

Os avos são vistos, por seus filhos, como fonte de conforto e conselhos em caso de dificuldades, mas desde que a iniciativa seja dos filhos. Se os avos tomam a iniciativa, isso certamente gera conflitos consideráveis. E já que esses conflitos muito raramente tomam o aspecto aberto entre as gerações, eles acabam lançando o casal em profundas crises internas. Essas crises são de solução extremamente difícil, a não ser que os avos recuem da intromissão e deixem o casal assumir integralmente a direção de sua própria família nuclear e dos negócios recebidos por esse misto de doação e compra que já foi descrito acima.

Se deixar de se intrometer na vida afetiva dos filhos não é muito difícil para os avós, já que é prescrito pelas tradições, o mesmo não acontece com os negócios. Esses geralmente são representados pelo sítio fundado pelos pioneiros ao chegarem, e que é por isso mesmo revestido de um valor muito mais complexo que o de simples negócio.

A terra sonhada custou muito em dinheiro, suor e lágrimas. As pessoas da geração pioneira consumiram suas vidas e seus sonhos sobre esse pedaço de chão, que palmo a palmo foi conquistado ao cerrado, à mata, às formigas e aos credores. Muitos se lembram ainda hoje, detalhadamente, de acontecimentos remotos ligados a pequenos detalhes topográficos, cursos d'água, árvores e pedras. Tudo isso é recoberto por uma densa camada de sentimentos contraditórios de amor, ódio e alegria, e se constituem em um vínculo dificilmente rompido por pessoas que tem séculos de tradição camponesa atrás de si.

Dessa forma, os filhos acabam muitas vezes tolerando os conselhos, palpites e admoestações dos pais no que diga respeito ao trabalho, embora nem de longe tenham semelhante tolerância em relação à criação de seus próprios filhos.

Não é raro que a racionalidade econômica tenha sua aplicação retardada, pelas gerações mais novas, por puro e simples respeito aos sentimentos dos mais velhos. Árvores deixam de ser arrancadas, pomares deixam de ser erradicados no momento preciso, nesgas de terra deixam de ser vendidas, tratores velhos são conservados, exclusivamente por motivos sentimentais.

Não se trata de irracionalidade pura e simples, mas de uma superposição e hierarquização de racionalidades. A aplicação da racionalidade econômica pode ser postergada em prol da preservação da racionalidade dos laços familiares. Até mesmo as relações familiares, que sempre se mostram recobertas por uma densidade alta de sentimentos e afeições recíprocas, requerem uma racionalização efetiva para que mantenham sua integridade e efetividade.

Pode-se dizer que existe uma *economia das trocas afetivas* que preside as relações familiares e pessoais na vida cotidiana. Existe uma

lógica de troca e acumulação nas relações pessoais, familiares e comunitárias, uma lógica que não pode ser menosprezada em prol de uma lógica supostamente mais importante que diz respeito à racionalidade econômica.

Existe, por parte dos membros da comunidade estudada, uma autêntica fixação no que diz respeito à necessidade de tornar sempre mais elevado o nível de vida dos filhos. Sem exceção, esse é o principal fator apontado pela geração de pioneiros quando se lhes pergunta a respeito do motivo que os levou a migrar para o Brasil. Sempre e sempre, invariavelmente, a resposta é: viemos para que as crianças tivessem mais terra ao crescer. Raros são os que dizem: viemos para ganhar mais do que lá na Holanda. Ou mesmo: viemos para progredir na vida.

Por um lado, as famílias eram muito grandes, o que foi por muito tempo a distinção principal entre católicos e protestantes na Holanda. A terra foi se tornando escassa, os pequenos sítios não mais conseguiam manter os sucessivos filhos que iam se casando. A isso somava-se o desalento causado pela incerteza a respeito do futuro na Europa do pós-guerra.

De qualquer forma, no pensamento do católico holandês vindo para Holambra, sempre esteve muito presente o seu papel como responsável pela tutela dos filhos ao longo da vida. No seu ideário, desponta como fundamental a figura da criança como continuadora dos pais, da família e de suas tradições.

Todo o processo se tornara especialmente claro quando passarmos a observar a forma pela qual as crianças e jovens transitam pelo processo de socialização.

2.- A socialização das crianças

Uma das principais características do modo holambres de criar os filhos é a de que, assim que as crianças gozam de uma certa autonomia em relação à sua locomoção e ao seu sentido de auto proteção, elas

passam a ser encaminhadas para uma vida coletiva com crianças da mesma faixa de idade.

Cada *grupo de idade* tende a crescer e interagir com alto grau de intensidade. Torna-se natural frequentar a escola, o grupo de escoteiros, os grupos esportivos, o grupo de balet, o grupo de dança folclórica, sempre convivendo com o mesmo conjunto de pessoas. Os graus de amizade recíproca (e inimizade recíproca, também) são variáveis, mas a tendência é que o grupo se mantenha organicamente relacionado ao longo da vida.

Finda a infância, os adolescentes continuam a se manter dentro dos seus grupos. Apenas os grupos mudam de atividade prioritária, durante a adolescência veremos que os grupos de esportes e os grupos promotores de festas se sobrepõem aos demais. Os últimos tem nomes muito coloridos (Barril Furado, Beerssaurus, p.e.) e são muito ativos, desenvolvendo atividades e realizando trabalho de agitação cultural durante todo o ano.

Uma vez chegados seus integrantes à idade adulta, os grupos tendem a sofrer uma primeira divisão. A tendência é que eles se separem por sexo, de forma bem mais rígida e definida do que antes. Até a idade adulta, meninos e meninas, rapazes e moças, se afastavam do grupo fundamental apenas em determinados momentos, como para a prática de esportes, por exemplo. A partir dela, no entanto, a divisão vai se acentuando cada vez mais, até chegar a um ponto no qual os dois sexos deixam de fazer quase que qualquer tipo de atividade coletiva.

As atividades continuam coletivas, mas apenas no interior de grupos que se excluem por gênero. As mulheres são atingidas pelas modificações mais radicais, já que por essa altura a maior parte delas já está casada e com filhos. Em uma comunidade onde a mulher ainda é destinada essencialmente a ser mãe de família, a sua autonomia e seu tempo livre para participar da vida comunitária diminuem sensivelmente.

A mulher que trabalha fora de casa essencialmente é aquela que ainda não se casou, ou que então já se divorciou, e ambos os casos são muito raros. As mulheres casadas se reserva o trabalho doméstico, no

qual se inclui a formação dos filhos, e muito raramente o trabalho de auxiliares do marido nos trabalhos administrativos e burocráticos da empresa agrícola familiar.

Eventualmente, em épocas de crise nas finanças familiares, algumas mulheres chegam a trabalhar fora para complementar a renda auferida pelo marido, mas isso é muito mais a exceção do que a regra. De forma geral, o que se espera da mulher é que se dedique integralmente à tarefa de cuidar dos filhos, da casa e do marido, assim como se espera do homem que responda sozinho pelo sustento da família.

Esse esquema tradicional tende a mudar, no interior da comunidade holambresa, e isso aconteceu menos pela evolução natural do processo de aculturação e urbanização do que pela crise financeira da Cooperativa Holambra. O tradicional esquema de divisão do trabalho no interior da família parece estar cedendo lugar a um novo arranjo, no qual as mulheres passarão, pelo menos, a ser responsáveis por uma parcela maior do trabalho das empresas familiares.

3.- Informação e controle.

Esse é um ponto crucial para se chegar à compreensão de como se processa no dia-a-dia a vida comunitária holambresa. Acho muito difícil, ao pensar a comunidade de Holambra, deixar de lembrar do famoso quadro de Norman Rockwell sobre a arte do *gossip*. Ele nos mostra uma seqüência quase que interminável de rostos ao telefone, que vão cada qual exibindo uma mudança facial mais expressiva que o outro, à medida que um mexerico vai sendo transmitido, e cada vez mais exagerado, de pessoa a pessoa.

Em seu estudo clássico sobre uma comunidade norte-americana, Plainville, West (1967) assinala com propriedade: *The role of law among all other mechanisms which force Plainvillers to conform to their society's established patterns of behavior is really very slight. More important mechanisms, both preventive and punitive, for social control are gossip.*

ridicule, and, in the widest sense of the term, folklore. These function 'individually', of course, but they also function 'by groups' (...)(p. 288).

Qualquer comunidade que tenha passado longos anos quase isolada do contato com o mundo envolvente tende a supervalorizar os acontecimentos locais, a tal ponto que a situação parece fugir totalmente ao controle dos próprios atores envolvidos na interação. Holambra é um caso semelhante a esse, apesar de seu isolamento prolongado ter sido muito mais de caráter cultural e lingüístico do que geográfico.

Conforme foi salientado anteriormente, os imigrantes holandeses se estabeleceram em uma região muito peculiar do estado de São Paulo. Ao mesmo tempo que próxima aos dois maiores centros urbanos do estado, a colônia foi estabelecida em meio a uma região de colonização e desbravamento recentes.

De fato, há pouco mais de cem anos essa região era praticamente desabitada, e os primeiros imigrantes italianos e portugueses ainda estavam chegando no rastro da recém construída Estrada de Ferro Mogiana. Há cem anos atrás, as matas virgens recobriam grande parte do território, e o café e a pecuária ainda dominavam totalmente a economia local (Holloway, s.d.; Abreu, 1969).

Mais cem anos para trás, e encontraríamos o local onde hoje está o município de Holambra como um campo de caça de tribos indígenas semi nômades. Prova disso é o fato de que foi comum, nos tempos em que se usava tração animal, se encontrar artefatos de pedra indígenas nos campos de cultivo, a medida em que arados e grades iam revirando a terra. A importância desses achados é tamanha que o próprio Museu de Arqueologia e Etnologia da USP estuda a possibilidade de realizar escavações e de criar um museu regional com sede em Holambra (Jornal da Cidade, n. 104, p.12).

Os imigrantes holandeses chegaram, portanto, a uma região jovem, com arraigada herança italiana e portuguesa e, em menor grau, alemã. A tendência do imigrante médio, nos primeiros anos, foi de se manter em um estado de semi isolamento. Os contatos cotidianos com

brasileiros eram esporádicos, e quase que só restritos aos homens em seu processo de trabalho.

Segundo relato de uma antiga funcionária da cooperativa, vinda da Holanda alguns anos depois da primeira leva de imigrantes, a própria comunicação no interior do grupo era problemática. *Quando cheguei a situação era da mais extrema pobreza. Algumas famílias chegaram a passar muita necessidade, e o nosso trabalho consistia em dar algum tipo de assistência e apoio para elas. Às vezes era difícil a comunicação, já que muitas das mulheres só falavam seus dialetos de origem. Nós não nos cansávamos de recomendar que elas tentassem aprender melhor o holandês, para poder ensiná-lo aos filhos. Assim, o dia em que elas quisessem ir estudar na Holanda já dominariam o idioma. Mas poucas fizeram isso, pois a vida naquele tempo era só trabalhar, trabalhar e trabalhar.*

Creio que se pode dizer, sem medo de exagero, que os contatos sistemáticos com a população exterior à colônia só foram se intensificar com grande velocidade há cerca de vinte anos atrás, quando se tornou cada vez mais comum que os jovens continuassem seus estudos nos centros urbanos de Campinas e Mogi Mirim.

Torno a lembrar que o isolamento foi muito mais cultural e lingüístico que geográfico, as tradições do grupo servindo de barreira difusa contra a realização de contatos mais intensos com a população vizinha. Esse processo de aprofundamento da interação com a vizinhança ainda está em curso, e quanto mais jovem é o grupo envolvido no contato, mais intenso ele é.

O isolamento costuma levar à supervalorização das virtudes e dos problemas do grupo envolvido, de tal modo que a interação começa a ficar prejudicada por ele. O controle social e pessoal, em uma comunidade de pouco mais de mil pessoas, passa a ficar cada vez mais pesado, a ponto de as pessoas começarem a se sentir bem aliviadas quando se afastam, nem que seja por breves momentos, da vida comunitária.

Isso será notado principalmente, e cada vez com maior frequência, no comportamento das gerações mais jovens. Cada vez mais os jovens se casam *para fora* da comunidade, tentando fugir à imposição de papéis que se faz sobre eles. Pode-se dizer que é cada vez mais rara a observação de um casamento entre uma moça e um rapaz da colônia.

O fato chega mesmo a causar certo espanto para um observador mais atento e menos compromissado. Interrogada a respeito do fenômeno, uma jovem mulher de origem holandesa, casada há pouco tempo, teve a princípio uma reação de surpresa perante a *descoberta* veracidade do fato. Depois de refletir um pouco, apresentou sua explicação para ele: *Eu nunca me casaria com um rapaz holandês, de loira basta eu. Eles são meio brutos, não sabem como tratar uma mulher e não são nem de longe tão carinhosos quanto os brasileiros. Bem que meus pais sempre quiseram que eu namorasse rapazes daqui, para poderem me controlar melhor, mas eu sempre quis um brasileiro. E agora estou muito feliz, com meu marido e meus filhos.*

Mesmo os namoros entre jovens do mesmo grupo de idade estão se tornando pouco usuais. Isso se deve em grande parte ao desejo, por parte dos seus membros, de escapar ao rígido controle que a comunidade como um todo exerce sobre a vida particular de cada indivíduo. Um rapaz e uma moça, se vistos sozinhos, são imediatamente encarados como namorados, e portanto espera-se deles um relacionamento duradouro e consistente com tal definição de situação.

Qualquer pessoa que não aceite as regras do jogo é forçosamente submetida a toda uma série de comentários e censuras, públicas ou privadas. Isso leva, sem dúvida, à criação de uma série de atritos que chega a colocar pontos de crise no interior da vida comunitária. Amizades são desfeitas e inimizades criadas, com grande facilidade, em um ambiente de tamanha intensidade emocional.

A comunidade vive um momento de intensas transformações econômicas e sociais, que apontam em direção a uma modernização sempre crescente, e a uma acomodação evidente a novos padrões de conduta moral. Sem dúvida que isso tende a acirrar a fricção entre o novo

e o velho, embora esses dois pólos não sejam necessariamente representados por pessoas *novase velhas*.

A maior parte dos mexericos é feita por mulheres, embora os homens também tomem conhecimento deles e muitas vezes ajudem a difundi-los. Os jovens tendem a encara-las como *desocupadas, faladeiras, pessoas frustradas*, e tentam o máximo possível se livrar de sua influencia (*da sua lingua venenosa*, dizem eles). Chega-se até mesmo a exagerar a importância e o poder desses grupos de *gossips*, como se elas estivessem onipresentes e sempre vigilantes.

Curiosamente, West relata situação muito semelhante em Plainville: *The gossip of this women is hated, dreaded (and often scorned). They are said to 'fight every progressive thing in this community'. They are said to be 'against schools', 'against good clothes', 'against being the least bit modern', 'against anybody's having a good time'. Their attitudes 'show why young people want to leave here' (...)* *The role of old women as gossips is highly exaggerated but they do collect and scatter a good deal of news. They also exert a great restraining influence against deviation from the stricter and older moral patterns.*(p. 290).

É claro que os solteiros, em geral muito jovens, não se encaixam mais nas definições tradicionais de papéis que lhes são atribuídas pela tradição de seus pais e avós. A tendência natural e imediata consiste em uma estratégia de *recusados* papéis e respectivos roteiros que lhes são impostos.

Mas essa recusa, na maioria dos casos, toma a forma de uma manipulação, da apresentação de um tipo de desempenho que vise a *guiar o olhados* demais para longe do que se pretende ocultar. Não se recusa `as claras o papel imposto, ele é na verdade reinterpretado e recriado mediante um procedimento de manipulação de informação, um jogo complexo de revelar-e-ocultar.

Nem sempre o indivíduo tem consciência de todo o processo complexo de *reeducação do olhar*. Ele tem consciência de que está tentando redefinir as situações, os roteiros que lhe são impostos, mas

não de forma totalmente clara. Devemos notar que ele *"As vezes, agira de maneira completamente calculada, expressando-se de determinada forma somente para dar aos outros o tipo de impressão que ira provavelmente leva-los a uma resposta especifica que lhe interessa obter. Outras vezes, o individuo estará agindo calculadamente, mas terá, em termos relativos, pouca consciência de estar procedendo assim"* (Goffman, 1995, p.15).

Os grupos de idade sempre tiveram o objetivo consciente de realizar a socialização e a integração dos jovens à comunidade. Mas com o passar do tempo, eles passam a existir como uma *equipe*, no sentido em que Goffman usa o termo. *Usarei o termo 'equipe de representação' ou, abreviadamente, 'equipe', para me referir a qualquer grupo de individuos que cooperar na encenação de uma rotina particular* (idem, p.78).

O grupo de jovens, a partir do momento em que passa a existir como uma equipe, também passa a funcionar como um ambiente de defesa e proteção para a representação dos papéis individuais. E isso reforça mais ainda, em seus membros, a consciência da importância de se manterem ligados à equipe, o que acaba por desenvolver um mutuo sentimento de *familiaridade*.

Esta existe de forma independente da possível, mas não estritamente necessária, amizade entre vários de seus membros. *Os companheiros de equipe (...), proporcionalmente à frequência com que agem como equipe e ao numero de assuntos incluídos na proteção delineadora, tendem a ser ligados por direitos do que poderia ser chamado de 'familiaridade'. Entre eles, o privilegio da familiaridade - que pode se constituir numa espécie de intimidade sem calor - não precisa ser algo de natureza orgânica, que se desenvolve vagarosamente com o passar do tempo em comum, mas e' antes um relacionamento formal, automaticamente ampliado e recebido, tão logo o individuo tome seu lugar na equipe.* (idem, p. 81).

Como o grupo e' grande e esta' sempre reunido, e' muito difícil para os não membros perceberem quem namora quem. Isso serve como

uma anteparo que protege a individualidade do ator contra o circuito incessante de mexericos.

Mesmo essa estratégia é vista, por muitos, como insuficiente. Esses passam a procurar namorados fora da colônia, mesmo que isso signifique a transferência dos conflitos para outro nível. O rapaz ou moça *de fora* não tem um universo cultural idêntico ao do seu parceiro holambres, e isso acaba gerando muitas vezes uma situação de *dissonância* no relacionamento.

Assim, o holambres acaba sendo duplamente vitimado pelo que muitos chamam de *circuito da fofoca*. Ficar excessivamente integrado à vida comunitária significa concordar com uma interferência abusiva em sua esfera privada, e sair dela significa encontrar dificuldades variáveis no estabelecimento de relações duráveis. Em uma comunidade na qual o caráter coletivo da ação é sempre enfatizado, a busca (refletida ou não) de saídas acaba sendo também de caráter coletivo.

Uma solução que parece estar sendo cada vez mais colocada em prática pelos grupos de jovens é uma *abertura*, pela qual cada vez mais jovens *de fora* vão sendo admitidos no seu interior. É uma estratégia que tenta reunir as melhores características das duas situações descritas. Permite a preservação da liberdade individual, e também realiza a adaptação de pessoas de fora ao estilo de vida representado pelo grupo, o que facilitará para o futuro a política de casamentos.

Esse processo poderia ser imperfeitamente descrito como uma *aculturação dos vizinhos*, processo sobre o qual os jovens tem uma consciência difusa e pouco pronunciada, mas que por isso mesmo é muito eficiente. Os membros do grupo costumam encarar com naturalidade e até simpatia a adesão de jovens de fora da comunidade, recebendo-os com curiosidade e interesse.

Por seu lado, os *de fora* que são admitidos no grupo costumam gostar muito da acolhida, pois encontram uma vida muito mais solidária e organicamente entrelaçada do que aquela à qual estão acostumados na sua origem. Nas palavras de uma adolescente de quinze anos, moradora em uma cidade vizinha e que passou a frequentar Holambra há pouco: *Eu*

acho o pessoal daqui muito mais legal do que o da minha cidade. Parece que aqui as pessoas tem mais amizade, não olham para a gente como possível inimiga. Todo o mundo se trata bem, ninguém pega no pe de ninguém (evidentemente, ela se refere ao grupo em que se inseriu, o qual é a única equipe que conhece em Holambra).

E de que forma são recrutados esses novos membros ? Via de regra, os conhecimentos são construídos a partir da frequência ao mesmo colégio, seja em Holambra, Mogi Mirim ou Campinas. Menos numerosos seriam os filhos de profissionais liberais ou empresários que se mudaram para o município fugindo de Campinas ou mesmo São Paulo. E também há os frequentadores de final de semana, proprietários de chácaras de veraneio nas imediações.

Eles costumam se reunir sempre em algum dos cafés da cidade, principalmente nos finais de semana. Festas regadas a muita cerveja e música estridente são também realizadas periodicamente, geralmente no salão do clube comunitário. Os grupos de eventos mantêm muito contato entre si, e distribuem as datas de suas festas de forma a que nunca se passe um período demasiado longo sem a realização de alguma festa.

Ao contrário das demais cidades da região, as brigas são quase inexistentes, já que as festas não são abertas a todos, mas apenas aos jovens da cidade e a convidados escolhidos a dedo por eles. Sem convite, é impossível entrar, e às vezes mesmo com ele não se permite a entrada, no caso de o portador já estar *alto demais*. A formação de grupos rivais, no interior da colônia, é praticamente impensável. É evidente que existem antipatias e rivalidades pessoais, mas nunca se chega ao ponto de que elas sejam transformados em problemas coletivos. Isso não é tolerado de forma alguma, pois colocaria em perigo toda a estrutura dos grupos, e sua própria sobrevivência também, e sobre isso todos tem uma consciência bastante clara.

4.- Administração da interação.

De uma forma geral, os pais não se sentem inquietos com as saídas noturnas dos seus filhos. A criminalidade, mormente a que diz respeito aos crimes contra a pessoa, é muito rara ainda em Holambra, apesar de sua proximidade aos grandes centros urbanos da região. Além disso, como o lugar é muito pequeno, os lugares em que os jovens podem se reunir são muito limitados, de forma que sempre se pode saber aproximadamente aonde os filhos estarão.

Assaltos são eventualmente praticados no município, mas sempre envolvem a invasão de domicílios, nunca são praticados contra pessoas que estejam na rua. Em um certo sentido, é ainda mais seguro estar na rua do que em casa, mesmo porque quem está na rua está também sendo continuamente observado por todos.

Se se quiser encontrar alguém, basta procurar pelos cafés. Se o procurado não estiver lá, certamente haverá muitas pessoas que saberão para onde ele (ou ela) foi. A maior preocupação dos pais está ligada a possíveis acidentes de automóvel, pois como as pequenas cidades da região são muito próximas umas das outras, é comum que na mesma noite um grupo de amigos circule por todas elas em busca de algo para fazer.

Num ambiente como esse, em que o controle do coletivo sobre o individual, e das gerações mais velhas sobre as mais novas, é não somente possível, como efetivamente exercido, é natural que os atores desenvolvam estratégias definidas para a proteção da *zona de bastidores* de seu desempenho. A coerência que um ator pode encontrar na representação de seu papel está diretamente ligada, muito mais que em uma cidade grande, impessoal e com baixa intensidade de relações próximas, à manutenção de duas situações.

Em primeiro lugar, o indivíduo precisa dar como certo que quase todos os membros do seu grupo, apesar das relações de amizade e de familiaridade, são fontes de difusão de mexericos a respeito do

desempenho de todos os outros. Assim, é preciso manter uma representação de papel coerente em todas as situações da vida cotidiana, evitando discrepâncias no desempenho mesmo estando em grupos diferentes a cada momento.

Não se pode esquecer que os grupos mudam, mas as pessoas que participam deles são quase sempre as mesmas. Um mesmo indivíduo transita por vários grupos no dia-a-dia, ora está no grupo de vôlei, ora no de dança, ora no de escoteiros, e assim por diante.

O ator muitas vezes procura administrar as impressões causadas por ele no processo de interação, de forma a permitir que a imagem que ele quer manter é aquela que de fato as demais pessoas envolvidas na representação assumirão como *verdadeira*. Assim, vistas em conjunto, as práticas defensivas e protetoras abrangem as técnicas empregadas para salvaguardar a impressão acalentada por um indivíduo durante o período em que está diante dos outros. (Goffman, 1995, p.22).

Podemos usar como exemplo de estratégia pessoal para a superação desse tipo de controle o caso da garota que resolve manter seu namoro em segredo, e portanto faz o máximo para disfarça-lo mesmo para as amigas mais próximas. O casal, quando em lugares públicos, sentara' sempre distante, e ate mesmo olhares furtivos serão evitados. Qualquer indicio de ligação entre os dois poderia imediatamente se transformar em um mexerico de grande repercussão no interior da comunidade, o que poderia impedir que a relação continuasse.

Em segundo lugar, a manutenção da integridade da zona de bastidores exige que exista uma certa solidariedade interna do grupo (reforçada pelos laços de familiaridade), para que eventuais discrepâncias coletivas de desempenho não cheguem aos ouvidos dos pais e da comunidade em geral. É necessário que haja um *espírito de equipe*.

Um exemplo poderia ser o do grupo de amigos que toma uma bebida e é expulso do baile em que estava. A descoberta do comportamento indesejável de um deles seria a descoberta do

comportamento de todos, com a conseqüente punição familiar aplicada a cada um.

Como se pode imaginar, a manutenção da coerência de representação representa um esforço considerável, ainda mais se levarmos em conta que um adolescente ainda não tem um controle refinado do estoque de símbolos sociais e menos ainda de sua representação pública e privada.

Nesse sentido, o adolescente poderia ser visto como *mais verdadeiro* do que o adulto, não que o faça por princípios morais, mas sim pela impossibilidade de fazer uma representação tão apurada quanto a do adulto. Apesar disso, é preciso reconhecer que a sinceridade do ator, ou sua ausência, pouca importância tem do ponto de vista da análise de uma dada situação: *Os atores podem ser sinceros - ou insinceros, mas sinceramente convencidos de sua sinceridade - mas esse tipo de disposição de animo com relação ao papel do individuo não é necessário para se ter um desempenho convincente.* (Idem, p.70).

Essa incapacidade que muitos adolescentes revelam em desempenhar de forma convincente um papel ao qual eles não conseguem emprestar *sinceridade* e que leva vários deles a procurarem parceiros amorosos de fora de seu grupo, o que seria uma forma de evitar cair nas malhas de relações pessoais que fatalmente levariam a uma intensificação do controle social coletivo, já por si quase que insuportavelmente forte.

Mas isso não forma uma rima e muito menos uma solução, já que com o tempo a manutenção de um namoro *lá fora* e com alguém *de fora* se torna especialmente cansativa e mesmo monótona. A tendência acaba sendo sempre a mesma: ou se termina o namoro, ou então o parceiro *de fora* é integrado à estrutura de grupos que vigora *aqui dentro*.

Essa tendência sofre adaptações variadas, que podem ser influenciadas pela idade dos atores ou pelas condições de sua rotina cotidiana, mas aparentemente a estrutura se mantém sempre a mesma, em todas as situações. Nesse tipo de pequeno grupo é necessário ao

ator manter um controle muito mais estrito sobre a situação de seu desempenho na região de fachada, e também impedir que se tornem públicos detalhes dos bastidores de sua representação.

Dessa forma, a administração das várias situações interativas nas quais o indivíduo se vê exposto em seu cotidiano será realmente vital para sua posição e seu desempenho no interior da comunidade vista como um todo. A *equipe de representação* (que consiste nos grupos básicos de socialização), portanto, tem um papel crucial a desempenhar na manutenção da veracidade do desempenho dos papéis individuais de cada um de seus membros.

5.- Fuga e retorno.

Os vários níveis de desempenho e representação são superpostos, e a transição constante de uns para os outros pode ser, na situação descrita, involuntariamente estressante. Esse é o motivo pelo qual não é raro que alguns *desistam* de seus papéis e se retirem do palco. Essa retirada pode tomar a feição de um estagio prolongado na Holanda, de um casamento *para fora* e a subsequente mudança de status, ou de pura e simplesmente *cair fora* ir tentar a vida em outro lugar.

Mas muitas vezes as pessoas acabam voltando, e ironicamente por quase os mesmos motivos pelos quais foram embora. Para um indivíduo crescido e educado em um local de intensa vida comunitária, como Holambra, a vida fora dela pode ser muito desagradável.

Muitos dos que foram e retornaram tendem a se referir às pessoas *lá fora* como muito frias e distantes. Referem-se a uma certa sensação de abandono e ausência de proteção, que tornariam a vida muito dura.

Essas palavras são aplicadas preferencialmente em relação à Holanda, já que aquele é o destino preferencial dos que vão embora. Nisso reside o evidente desapontamento dos imigrantes, ou seus filhos e netos que retornam para lá, mesmo que por períodos curtos de tempo. A idéia dourada do paraíso perdido, as noções incessantemente

realimentadas de Holanda superdesenvolvida-e-rica raramente resistem a alguns poucos meses por lá.

As queixas seguem um padrão curiosamente muito regular e previsível. Primeiro, a pessoa se queixa de algo absolutamente impessoal, como o clima (*horível, chove demais, faz frio demais*). Depois, as queixas se tornam pouco a pouco mais pessoais (*o governo se mete demais em tudo, as pessoas não são atenciosas como aqui, só consegui trabalhar como faxineiro*). Finalmente, o fator familiar é lembrado (*para visitar os tios, eu tinha que ligar antes marcando hora, e eles nem mesmo convidavam para almoçar*).

Uma moça de vinte e oito anos, que mora na Holanda há cerca de um ano e voltou para visitar os pais, conta algo ao mesmo tempo irônico e dramático: *Em todo esse tempo eu consegui alguns ótimos amigos, todos eles brasileiros que estão por lá para estudar e trabalhar como eu. Fora uma ou outra pessoa, o povo lá não liga muito para a gente que é de fora. A gente sempre se reúne no fim-de-semana para ouvir música brasileira, dançar e conversar. Só depois que fui para a Holanda que eu comecei a gostar de samba e feijoada.*

Mas não só a Holanda aflige os *emigrados*. Outras cidades e regiões do Brasil são apontadas como lugares pouco acolhedores. Os motivos também seguem uma grande regularidade. Os fatores apontados são insegurança, violência urbana, poluição, sujeira, super população, diferenças culturais e, é claro, frieza no trato pessoal.

Na verdade, o que parece estar por detrás disso é uma pura e simples *saudade* das relações comunitárias muito estreitas que vigoram no interior da comunidade holambresa. Apesar do aspecto muito negativo do controle exercido pelo maldizer público, é impossível deixar de admirar, e muito, os variados aspectos positivos da vida comunitária que se consegue gozar em Holambra. O sentido de *organicidade* que se desfruta no interior da comunidade, desde que o indivíduo se conforme às suas regras, é muito forte e reconfortante.

6.- Solidarietà.

Esiste um certo *calor* nas relações sociais e pessoais que não pode ser encontrado facilmente fora daqui. A comunidade é tão pequena que com o passar dos anos ela se transformou em algo como uma grande família extensa, onde todos se conhecem e se ajudam mutuamente em caso de necessidade. Quando algo de realmente ruim acontece, deixam-se as rivalidades de lado e mangas são arregaçadas. Todos os circunstantes (ou quase todos) se empenham em ajudar aqueles que estiverem precisando, criando uma malha de solidariedade e proteção que minimiza os conflitos em prol da manutenção da convivência comunitária.

Isso sofre modificações de grau e intensidade de acordo com a gravidade do acontecimento, mas o mecanismo básico permanece, como se fosse uma saída de emergência perante situações complexas. Uma vez passada a crise, as contradições secundárias voltam a tomar o primeiro plano no drama (ou comédia) da vida cotidiana.

Assim, um produtor que esteja passando por dificuldades econômicas, pode ver concedida a seus filhos uma bolsa de estudos pela comissão da escola. Discretamente, um vizinho se oferece para levar e buscar as crianças na escola. Outro emprestará óleo diesel para que o maquinário agrícola não tenha que parar. A mulher será amparada pelas amigas em seu momento de dificuldade, no mínimo com repetidas visitas de solidariedade.

Esse espírito comunitário parece estar em declínio em relação a tempos mais antigos, mas mesmo assim é bastante mais pronunciado que nas populações vizinhas. Pode-se dizer que, em momentos de crise, a solidariedade interna é reforçada, e ressurge o *espírito de equipe* que individualiza a comunidade em relação ao mundo envolvente.

Nesse esquema, deve ser observado, terminaram por ser incluídas várias famílias não holandesas, mas que estão unidas a estas por toda uma história comum de convivência e trabalho. Dai' quase todos

fazerem questão de sublinhar, muitas vezes, o caráter *holambres* da comunidade, em contraposição ao caráter exclusivamente *holandes*. Mais uma vez pode-se notar que a equipe recebe a inclusão de novos membros de fora da supostamente existente fronteira *étnica*.

Sem dúvida que há muitas diferenças e mesmo rivalidades eventuais entre *brasileiros* e *holandeses*, mas todos percebem (ou atuam como se percebessem) o caráter abrangente da comunidade criada ao longo das últimas quatro décadas, durante as quais os dois grupos trabalharam ombro a ombro.

Isso pode ser observado através da forma pela qual os pioneiros muitas vezes re-lembram sua chegada ao Brasil, como no depoimento de um senhor holandês (ele preferiria dizer *holambres*) de setenta e um anos. *"No porto mesmo, ao desembarcar, eu comentei com a minha esposa sobre como os brasileiros eram educados e atenciosos, mesmo nos sendo estrangeiros e não falando português. Eu virei para ela e falei 'eu não saio mais desse país'. Muitas vezes, viajando pelo Brasil para pescar, eu recusei comida em casa de caboclos. Eu percebi que se comesse, as crianças da casa iam ficar sem nada, e mesmo assim as pessoas ofereciam. Eu não imagino isso acontecendo na Holanda. Tenho três filhas morando na Holanda, e todas elas morrem de vontade de voltar para o Brasil. Quando elas tiverem juntado dinheiro suficiente, voltam na mesma hora.*

Existe, aparentemente se sobrepondo `as diferenças de origem e tradição, uma solidariedade efetiva e muitas vezes não verbalizada. Frente a pessoas *de fora*, brasileiras ou holandesas, as *daqui de dentro* se comportam como se fossem um grupo coeso e indiferenciado. Existe uma *familiaridade* interna que leva `a busca da preservação da subcultura holambresa, que se observa nos mais variados campos. Esportes, festividades, cerimônias de caráter público, todas as ocasiões em que haja contato com outros grupos, o caráter comunitário *holambres* parece prevalecer sobre as demais diferenças.

Um exemplo muito claro disso é dado pelo *Zeskamp*. Como há seis colônias agrícolas holandesas concentradas no sul do Brasil, elas

se reúnem anualmente para a realização de uma série de competições que se constituem em uma espécie de olimpíada colonial.

A cada ano o Zeskamp é realizado em uma das colônias, e as várias delegações convergem para lá a fim de realizarem a competição. A disputa é acirrada, e há uma rivalidade intensa entre as colônias. É fato notório para todos os participantes que Holambra I (a *nossa* colônia. Holambra II está estabelecida em Paranapanema, no sul de São Paulo) tem sempre o apoio de elevado número de brasileiros, o que parece não acontecer em igual intensidade com as demais.

O que reforça o caráter de grupo por parte dos holambreses é um complexo de fatores. Eles são uma colônia católica, em contraposição às colônias protestantes do sul. Eles são a colônia mais numerosa, e também a mais próxima de grandes centros, entre todas. Holambra, além disso, é a mais bem sucedida economicamente, apesar da grave crise que atravessa.

O seu relativo isolamento no interior do grupo de colônias agrícolas, portanto, e a notória diferença que as tradições holandesas estabelecem entre holandeses de cidade e do campo, o que os isola de certa forma também dos holandeses da cidade de São Paulo, contribuem para que seja mantido esse clima de solidariedade *interétnica* no interior de Holambra.

CAPITULO III.

MANIPULANDO IDENTIDADES

1.- Introdução.

Na atualidade, a primitiva colônia de Holambra se transformou em um município autônomo, com o mesmo nome. O processo de autonomia coincidiu com a emergência de grave crise creditícia, financeira e administrativa da Cooperativa, para a qual ainda não se tem uma solução à vista, e também com a perda completa da hegemonia que os colonos de origem holandesa e seus descendentes tinham sobre a administração e a condução política da colônia.

O município é administrado e controlado politicamente, desde que se tornou autônomo, por políticos desligados dos colonos originais. Holandeses e seus descendentes controlam a totalidade da terra e das empresas agrícolas, e quase todas as maiores empresas comerciais, mas não conseguem ter qualquer influência a nível político.

Quais as raízes desse processo de isolamento? De que forma os colonos e seus descendentes reagem a essa situação? Como traçar um quadro que nos leve a compreender esses acontecimentos?

2.- Panorama.

Ao chegarem ao Brasil, os colonos holandeses se estabeleceram no interior de São Paulo, e em uma época (o final da década de quarenta) na qual o estado era bem menos densamente povoado que nos dias de hoje. Eles se instalaram em uma fazenda distante mais de quarenta quilômetros de Campinas, e a trinta quilômetros de Mogi Mirim, os dois núcleos urbanos de maior importância na micro região. Esta era ainda intensamente rural, o que motivava a quase que completa ausência de serviços essenciais, como assistência médica e educacional.

Os brasileiros com os quais os colonos se relacionavam a princípio eram basicamente os (ainda poucos) empregados, e por muito tempo essa situação se manteve. Alto grau de isolamento, convivência próxima e necessária de colonos que muitas vezes não tinham em comum entre si nem mesmo o dialeto natal, contato com brasileiros possuidores de um grau de escolaridade quase inexistente (e que tecnologicamente ainda estavam na fase da agricultura de queimada-e-enxada), tudo isso fez com que a colônia passasse muitos anos sem contatos constantes com a população "de fora".

Dessa forma, a necessidade de elaboração de uma identidade "holambresa" foi sendo postergada. No entanto, isso deu tempo para que fossem surgindo várias práticas características à comunidade, de que é exemplo o acentuado nível de trabalho voluntário na solução de questões locais. Isso individualiza os holambreses mesmo frente aos holandeses recém-imigrados ou vindos como turistas.

3.- A definição frente aos brasileiros.

Ao chegarem, os colonos trouxeram uma série de técnicas agrícolas inovadoras. Entre elas, sobressai o uso de mecanização em uma época na qual mesmo o campo paulista, o mais progressista do país, ainda dependia em grande parte da tração animal. Esse uso da mecanização representou um diferencial realmente importante.

O outro foi a clareza com a qual eles perceberam a necessidade de adaptação à ecologia do ambiente no qual se viram inseridos. Desde a chegada eles já faziam contatos intensivos com o Instituto Agrônomo de Campinas, em busca de orientação para a exploração mais eficiente de suas terras. Vem dessa época a utilização intensiva do calcário para a melhoria do solo, prática comum nos solos também ácidos e tropicais da Indonésia, antiga colônia holandesa (Johannes Nabuurs, antigo membro do corpo dirigente da Cooperativa, em depoimento dado em agosto de 1996).

A utilização do calcário incrementou a fertilidade da terra, que há séculos já era referida como paupérrima (Gonçalves, 1888; D'Alincourt,

1976). Dessa forma, houve um salto de produtividade, mesmo se compararmos os solos de Holambra com os solos mais férteis da região. As mudanças introduzidas pelos colonos, se vistas em seu conjunto, foram pouco a pouco transformando Holambra em uma ilha de prosperidade a nível regional. Mais que isso, foi criando uma imagem, junto aos brasileiros, de que os holandeses tinham um poder quase sobrenatural de dominar a terra.

O problema está em que os próprios holambreses começaram a se convencer disso, ao mesmo tempo em que começaram pouco a pouco a se desligar de certos hábitos trazidos da Europa. Hábitos que tinham sido fundamentais para o sucesso da colônia e mesmo para a sua sobrevivência nos tempos difíceis do início: temperança, economia, dedicação integral e preferencial ao trabalho, solidariedade grupal extremada.

Com o passar dos anos, as próprias relações com os brasileiros foram mudando. Relações que antes eram de igualdade e camaradagem com os empregados começaram a mudar. De fato, com o sucesso cada vez maior das empresas rurais, foi se tornando necessário contratar mais e mais empregados, um processo que se tornou cada vez mais acelerado, principalmente no setor de flores. Esse setor, como se sabe, exige inversões maciças de capital e de mão-de-obra.

Tais mudanças conduziram a uma série acelerada de adaptações e mudanças no campo de interação entre patrões e empregados (ou, se quisermos, *holandeses e brasileiros*). Relações que antes eram pessoais e próximas, com ambos os lados partilhando venturas e desventuras, se tornaram meramente formais, frias e distantes. Os empregados foram, pouco a pouco, deixando de ser pessoas para se tornarem categorias formais (*empregado, camarada, peão, paranaense, mineiro, ze*).

Deve ser notado que por essa altura, atraído pela prosperidade da colônia, começa a chegar um novo tipo de imigrante vindo da Holanda. O novo imigrante é jovem, tem grau universitário (geralmente na área de floricultura), e é produto de uma Holanda completamente diferente

daquela de cinquenta anos atrás. Um país industrializado, onde quase não mais existe o campo no sentido tradicional. A zona rural se industrializou e urbanizou, não havendo mais espaço para os comportamentos e tradições trazidos pelos imigrantes mais antigos, os pioneiros.

O novo imigrante é, de forma absolutamente irrefletida e não intencional, mais ríspido e autoritário que o pioneiro. Ou, pelo menos, é visto como tal por muitos *brasileiros e pioneiros*. Um fator que complica o quadro e acirra as contradições é o de que os empregados brasileiros de hoje também pouco tem em comum com os de antigamente.

Os brasileiros que trabalhavam como empregados para os pioneiros eram possuidores, apesar de suas origens dispares, de uma história de origem familiar européia mais ou menos recente. Seus pais ou avós tinham vindo em geral da Itália ou Portugal, seja para trabalhar na agricultura, seja na construção da estrada de ferro Mogiana.

De uma forma ou outra eles, *holandeses e brasileiros*, tinham um certo padrão cultural compartilhado. Isso deixou de acontecer em relação às duas novas ondas de imigrantes chegados a Holambra na última década. Os *novos* holandeses chegam de uma Europa rica, e também muito crítica em relação ao mundo não europeu. Os *novos* brasileiros vem de um mundo rural decadente, que poderíamos localizar geograficamente no interior do Paraná e de Minas Gerais.

Ambos representam duas culturas quase antípodas que entram em contato. Uma, a européia, tecnicizada e burocratizada. A outra é arraigadamente brasileira, sertaneja, presa a relações de caráter pessoal. Embora não sejam conhecidos conflitos de caráter aberto entre os dois grupos, é evidente para qualquer observador descompromissado que ele existe de forma subterrânea, não admitida claramente por qualquer deles.

O conflito somente fica completamente claro quando sobrem as épocas eleitorais. Nesses momentos, então, os brasileiros que estão em uma posição mais baixa na escala social encontram a sua chance de desforra, de impor a sua voz. Aparentemente por esse motivo, os

holandeses perderam fragorosamente as duas eleições realizadas até o presente momento.

4.- A definição frente aos holandeses.

É pouco transparente a relação entre holambreses e holandeses. Ambos os lados evitam falar sobre o assunto de forma direta, e quando o fazem é de forma entrecortada, alusiva e disfarçada por ironias que passariam despercebidas para um estranho à comunidade.

Em primeiro lugar, a não ser que os recém-chegados se casem com moças do lugar, eles tendem a se relacionar apenas dentro do próprio grupo de imigrados (chamados muito pejorativamente de *cus-brancos*). Assim, casais imigrantes quase que obrigatoriamente frequentam socialmente apenas as casas uns dos outros. A introdução no cotidiano *social* da comunidade é extremamente vagaroso, podendo demorar anos a fio para se dar, ou até mesmo podendo não acontecer de todo.

Os *holandeses* tendem a encarar os *pioneiros* como um bando de caipiras estacionados no tempo, e que nem mesmo sabem falar holandês direito. As relações entre os dois grupos podem ser muito esparsas, restritas apenas a festas que envolvam toda a comunidade (Expoflora, São Nicolau, aniversários, comemorações escolares). Mesmo nesses momentos, pode-se perceber com facilidade que não há um processo homogêneo e generalizado de interação. Em seu lugar, subsistem os pequenos grupos, sempre demarcados por limites familiares e/ou de origem.

Os *holandeses*, evidentemente, têm uma vantagem adicional e considerável ao chegarem. Eles encontram uma região que já foi desbravada à custa de muito trabalho pelos pioneiros da década de cinquenta. Além disso, como já relatei, eles são em sua maioria egressos de universidades holandesas, onde se beneficiaram de cursos especializados. Não precisam mais se submeter ao ciclo perverso do

ensaio e erro, basta-lhes adequar seu conhecimento à experiência empírica que já foi acumulada pelos mais antigos.

Alto nível de educação, conhecimento das mais modernas tecnologias e fácil acesso a elas, tudo isso os coloca em um patamar muito superior ao de seus antecessores. Não é de admirar que os colonos mais antigos, os pioneiros e seus filhos, reajam de forma negativa e latentemente hostil às conquistas dos recém-chegados.

Essa desunião entre aqueles que são uniformemente vistos pelos brasileiros como *holandeses* acentua a incapacidade que os últimos demonstram em intervir na política municipal.

Eles não podem, e não querem, se apresentar como um bloco unido, já que os novos imigrantes não se interessam pela política municipal, pois acham que estão acima dela, em sua condição de produtores importantes.

Os velhos imigrantes vem importância na política eleitoral, mas não contam com força financeira e eleitoral suficientes para se colocarem como uma alternativa concreta de poder, ainda mais no momento presente, em que a Cooperativa está virtualmente quebrada. Seu próprio *estilo* de fazer política não prima pela eficiência, já que eles não se interessam em seguir as regras do jogo imposto pelas tradições políticas brasileiras.

Talvez, de todos os grupos que coabitam no município de Holambra, sejam os colonos originais, os *pioneiros*, os mais seriamente afetados pelo problema de possuir uma identidade.

Os brasileiros autóctones conseguem lidar muito bem com o problema: sejam descendentes de italianos ou portugueses, eles são todos *paulistas*. Sejam eles paulistas de vários séculos ou de apenas cem anos, assim eles se vem e são vistos por todos os outros grupos.

Os brasileiros recém-chegados são *mineiros* e *paranaenses*, sua auto-imagem e a imagem que os outros tem deles não apresentam problemas de dissonância. Assim como esses, os *holandeses* recém-chegados são identificados com facilidade, com a diferença de que o são pela cor da pele, muito branca e facilmente avermelhada pelo sol

tropical, e também pela evidente ausência de familiaridade com o idioma. De uma forma geral, os *holandeses* também apresentam uma faceta no relacionamento interpessoal que os distingue dos demais: são vistos como excessivamente carrancudos, bruscos e sem muito senso de humor.

E os *pioneiros* holambreses? Esses são vistos como holandeses que falam português, pelos brasileiros, e como brasileiros que falam holandês, pelos holandeses. Somente esse grupo vive uma situação de stress no que diz respeito à definição de sua identidade.

Eles próprios, podemos suspeitar, não tem mais plena certeza de quem sejam, já que por parte considerável da vida viveram em uma região de transição. Nasceram na Holanda, e portanto são formalmente holandeses, como o atestam seus passaportes, sua cidadania formal e até mesmo os laços familiares que ainda subsistem ligando-os a suas regiões de origem.

Por outro lado, os pioneiros viveram no Brasil, em geral, dois terços de toda a vida, ou mesmo a totalidade de sua vida adolescente e adulta. Falam um holandês em alguns casos ultrapassado e com fortíssimas influências do idioma português, assim como mantêm costumes que na Holanda estão em desuso há muito tempo. Os pioneiros adquiriram, ainda, uma infinidade de hábitos, costumes e características dos paulistas do interior. Seus filhos e netos vão para a Holanda e são definidos como brasileiros, e como tais se sentem, e às vezes são subrepticamente colocados de lado e discriminados.

É desse grupo que vai surgir com mais força a necessidade de criar e manter viva uma identidade viva e autônoma perante os outros grupos. É esse grupo que sente com mais força a angústia por não conseguir manter o controle político e administrativo do município de Holambra. Talvez por esse motivo sejam eles, os pioneiros e seus descendentes, os mais envolvidos em atividades relacionadas à memória e ao patrimônio histórico e cultural do município.

Um exemplo claro e realmente central disso é a criação do museu da imigração holandesa, também chamado de Hall Fotográfico. Foi ele a

mais importante iniciativa já tomada para criar e preservar uma memória holambresa. E quando se cria e preserva uma memória o que se está fazendo na verdade é a criação e a preservação da identidade de determinado grupo. O museu foi inaugurado em 1991 a partir da iniciativa de um grupo de antigos imigrantes interessados em perpetuar a memória da imigração para benefício das gerações mais novas.

Ele consiste em um pequeno complexo de três ambientes: no primeiro, temos uma exposição de algumas dezenas de fotografias, que retratam as primeiras três décadas de construção da colônia. O segundo ambiente é um barracão que apresenta alguns dos primeiros tratores e veículos de tração animal trazidos da Holanda pelos colonos, bem como implementos agrícolas característicos do período. O terceiro, finalmente, é uma reprodução das antigas casas dos colonos à época de sua chegada, tendo o fogão de lenha como atração principal.

Todo o museu foi criado a partir de objetos doados ou emprestados por alguns dos pioneiros, e a construção concretizada graças a doações de particulares e ao resultado pecuniário de uma barraca de alimentos administrada pela comissão do museu durante algumas Expoflores.

Dentre as várias seções do Museu, a que nos permitirá, talvez, uma compreensão mais clara do processo de construção de uma imagem holambresa é o Hall fotográfico. Ele resultou da escolha de material para exposição em meio a mais de duas mil fotos tiradas ao longo do tempo. Em grande parte, a comissão do museu foi auxiliada pelo trabalho fotográfico e de arquivística do sr. Wilhelmus Welle, um dos primeiros imigrantes a se interessar por registrar fotograficamente as várias facetas da vida da colônia desde os seus primórdios, e que tem também em sua biografia o pioneirismo do cultivo de flores na região.

O que salta aos olhos do observador, ao visitar a exposição, é a onipresença dos colonos em quase todas as fotos. De uma forma geral, não há muitas delas retratando a natureza do lugar, e tampouco a presença de empregados e agregados brasileiros. O centro de interesse é representado quase sempre pelos colonos, retratados nas mais variadas situações do cotidiano, e também em solenidades, nessas

com a presença de autoridades nativas ou alienígenas. Princesas e príncipes holandeses dividem seu espaço com embaixadores, e mesmo com o magnata brasileiro das comunicações Assis Chateaubriand, um dos maiores entusiastas do estabelecimento da colônia de Holambra em terras paulistas.

Um ou outro brasileiro aparecem, mas são muito raros, e tendem a ser apresentados enquanto figuras pitorescas, principalmente os empregados. O personagem central do museu é o colono e sua família, quase sempre mostrados em situação de trabalho ou devoção religiosa. Em nenhum momento se desconfia de diferenças, rivalidades ou antagonismo entre os colonos, como em nenhum momento se percebe a presença de técnicos brasileiros (como os do Instituto Agrônomo de Campinas) entre eles.

O que sempre está sendo apresentado é o colono original, singular ou plural, mas sempre idealizado como o criador de um espaço *holandês*. O que assistimos é a criação de um *lugar*, no sentido estrito que foi definido por Tuan (1980, 1983). Está sendo construída passo a passo uma relação afetiva entre um grupo de famílias e sua terra, e nela o imaginário do imigrante é determinante.

O colono é quase que um herói mítico, que transformou uma terra *estéril* em um jardim de alta produtividade. Sem dúvida que esse constructo ideológico é necessário para a operacionalidade da identidade *holambresa* para que ela seja efetivamente aceita por todos os grupos envolvidos, e não apenas pelos pioneiros e seus descendentes.

É então que passamos a compreender as outras seções do museu sob uma luz diferente. Os tratores lembram e comprovam o papel pioneiro dos imigrantes holandeses em relação à introdução de tecnologias inovadoras na região. A casa extremamente simples lembra o começo humilde, mas claramente progressista em relação aos casebres de pau-a-pique que seriam caracteristicamente *brasileiros*.

Um lugar de memória é um lugar de poder. Um museu é uma fábrica de imagens que remetem a determinadas relações sociais, sejam elas

de classe, de raça, de etnia ou de sexo. O museu estabelece, entre suas paredes, aquilo que *deve* ser visto pelo espectador. O museu guia o olhar, enquanto prende o observador a bem determinados níveis de raciocínio e pensamento.

As paredes e vitrines são cúmplices no ato de definir aquilo que *deve* ser pensado e aquilo que *não deve*, e também *como* deve ou não deve ser pensado, definem também qual o *referencial* permissível e qual o reprovável. O museu representa, então, um papel de educação que lhe é fundamental, mas uma educação que muitas vezes é perpetuadora e promotora de diferenças, uma fábrica de ideologias.

A questão da autenticidade salta à vista ao pensarmos o museu, já que ele tem o privilégio de poder declarar o que é verdadeiro e o que não o é, através de seus funcionários ou assessores. Não pretendo colocar em questão a honestidade dos museólogos, mas apenas sublinhar que essa relação de autenticidade traz dentro de si, camuflada, a assumpção de que, por ser autêntica a peça exposta, não há qualquer ideologia nela embutida. Mais que isso, o atestado de autenticidade oculta a questão do conflito de forças que permeia a própria organização visual da exposição.

Por ser autêntica, uma peça obscurece a imposição de determinadas lógicas e ideologias, sejam elas de classe, etnia, nacionalidade ou gênero. Só para ficarmos em exemplos da área, podemos pensar sobre a criação de um índio imaginário nos museus indígenas que se espalham pelo país. A figura mítica de um *índio* puro e inocente, que teria sido corrompido e/ou exterminado pelo *branco* anônimo e mau, oculta em elevado grau os conflitos genocidas entre várias tribos rivais, as contradições internas de cada grupo (como, p.e., a exploração extremada da mulher nessas sociedades), assim como, ao substituir o ser humano real por um mito, abre espaço para o seu extermínio.

Oculta também o *branco* pobre, analfabeto e explorado por um sistema socioeconômico que o joga contra os povos indígenas como forma de adiar a resolução do problema do acesso à terra. Oculta ainda a existência de uma burocracia estatal e universitária que se alimenta

dessas imagens estaticas e extaticas, muitas vezes alimentado mitos para ser alimentada por eles.

Para um exemplo complementar, podemos lembrar a construção da imagem do *bandeirante*, o desbravador dos sertões que foi imortalizado como um ser sem mancha e cheio de nobres propósitos, que veio a integrar o Brasil com o seu esforço indômito. É a imposição das tradições históricas de uma região hegemônica sobre as tradições de suas regiões tributárias, com um evidente conteúdo político e classista (para uma análise do processo, ver Funari (1995)).

Da mesma forma, podemos voltar ao exemplo de Holambra, cujo museu *esquece* de mostrar a existência de brasileiros pobres trabalhando a terra para os patrões holandeses. É evidente que não quero negar o mérito dos pioneiros holandeses, mas sim demonstrar que eles também são vítimas de uma ideologia que os coloca, em sua própria história, como superiores aos brasileiros que foram co-autores da saga holambresa. Esta oposição mal trabalhada os coloca em uma situação política concreta: ao opo-los aos *brasileiros*, impede-os de assumirem a hegemonia que eles querem assumir (e concretamente *precisam* assumir) no interior da política municipal.

Tão forte é essa ideologia da *superioridade* holandesa, que é aceita até mesmo por muitos dos brasileiros mais antigos. No entanto, ela é construída sobre a comparação entre entidades essencialmente diversas. Como exemplo, devemos lembrar que aquelas terras não eram anteriormente de brasileiros, mas sim de uma companhia norte-americana, o Frigorífico Armour.

Além disso, a paisagem original era absolutamente funcional, na época, para a atividade pecuária dos antigos proprietários. A pecuária de corte estava ecologicamente adaptada ao lugar, o que não veio a acontecer com a pecuária leiteira introduzida pelos holandeses. A mortandade do rebanho puro leiteiro, introduzido atabalhoadamente pelos imigrantes levou a Cooperativa à sua primeira grande crise, da qual só houve recuperação com o recurso a generosos empréstimos dos governos paulista e holandês, além da intervenção branca realizada por

esse ultimo através da nomeação de um comissário para ser presidente da Cooperativa.

Várias das culturas agrícolas, também, só se tornaram rentáveis a partir da realização de pesadas calagens e adubação química. Esses procedimentos estavam claramente fora das necessidades e dos objetivos da Cia. Armour. `A época, como de resto ainda hoje em vastas áreas do país, não se concebia a calagem e adubação de pastagens como uma prática racional em termos econômicos.

Sobre a natureza dos solos da região, podemos recorrer ao testemunho de Abreu (1969:82): *De um modo geral são [solos] arenosos e ácidos, pobres em fósforo, cálcio, húmus e, localmente, magnésio, com baixa fertilidade, daí o emprego de adubos para a correção dessas deficiências em larga escala pelos colonos.(...) Porém se sua composição química revela essas deficiências, sua estrutura física mostra-se francamente favorável, com boa profundidade, permeabilidade e porosidade, reagindo de forma positiva em presença dos corretivos químicos, podendo ser renovadas totalmente em cinco anos de tratamentos adequados.*

Aquelas terras ácidas, estivessem na forma de capões de mata virgem ou cerrados (ambos quase que totalmente eliminados pelos imigrantes), ou de pastagens (também elas quase que totalmente erradicadas `a mesma época da chegada, ou logo depois), responderam prontamente ao tratamento técnico correto. E esse tratamento foi recomendado e incentivado pelo governo holandês (através de seu Comissário-Presidente, o sr. Charles Hogenboom) e pelo governo paulista (através do Instituto Agrônomo de Campinas). Com o passar do tempo, insatisfeita com os resultados ou a presteza do trabalho dos técnicos governamentais paulistas, a Cooperativa começou a montar o seu próprio departamento técnico.

Vemos assim o desenrolar de um processo complexo, com o envolvimento de várias forças interessadas no sucesso da colônia. Não se pretende com isso diminuir o valor do trabalho dos colonos, mas sim identificar as raízes e os frutos de uma ideologia determinada.

Aparentemente, essa ideologia, que já foi fator impulsionador do progresso da colônia, hoje é fator de atraso e confusão, principalmente para as gerações mais novas.

Os motivos para isso são vários, mas podemos sublinhar dois dos mais notáveis. Em primeiro lugar, a noção de um sucesso quase sobrenatural, desvinculado dos fatores citados acima, desarma as gerações mais novas frente às dificuldades que a comunidade atravessa no presente. Em segundo lugar, esse desarmamento incapacita as gerações mais novas para a intervenção na política municipal, na medida em que isola os *holandeses*, que já são uma minoria inferior a 20% da população, do conjunto da comunidade, e isso claramente os enfraquece.

Em relação ao primeiro fator, podemos notar que as gerações mais novas desconhecem, por não lhes ser ensinado, o elevado montante das entradas de dinheiro oficial que foi destinado à salvação do projeto da Cooperativa e da colônia. No presente, esse dinheiro sumiu quase que completamente, pois o governo holandês não está mais comprometido politicamente com o sucesso da colônia de Holambra, que de resto foi substituída por um município *brasileiro*. O governo estadual paulista tampouco está envolvido com o problema, imerso em seu próprio processo de saneamento e reestruturação.

Assim, os colonos ficaram entregues à sua própria sorte. Muitos estão tecnicamente falidos, e tem que trabalhar como empregados ou prestadores de serviços. Uns poucos, muito poucos, se mudaram do local, seja para outras localidades próximas, seja para a Holanda. Em ambos os casos houve uma evidente queda de status, com a migração de pessoas que anteriormente eram empregadores para a condição de empregados.

A carga de frustração que as pessoas carregam é muito grande. Os descendentes de primeira e segunda geração não conseguem entender como seus pais puderam se erguer tão alto, enquanto que eles não conseguem superar os obstáculos do presente.

Isso nos leva a uma questão mais aguda, que é a da participação política. Ao que parece o colono médio, imerso em seus problemas de sobrevivência imediata, não vê como prioritária a participação na política municipal, por mais que ao observador externo isso possa parecer um passo extremamente necessário para a resolução dos problemas enfrentados pela comunidade.

Talvez seja melhor dizer que o colono tradicional quer resolver o problema de sobrevivência da Cooperativa, mas não quer pagar o preço por isso, que é o da participação na luta política e partidária. Houve uma tentativa tímida de participação eleitoral no último pleito, mas nenhum candidato independente surgido do seio da comunidade foi eleito.

Isso se explica, por um lado, pelo fato de que a colônia é internamente muito dividida, e por outro pela ausência completa de uma ideologia que permita aos colonos imporem sua hegemonia ao restante da população. O que nos remete ao problema fundamental: os pioneiros holandeses e seus descendentes estão completamente isolados do resto da população, em grande parte por causa dessa *ideologia do sucesso* da qual eles são autores, atores, platéia e vítimas.

A *ideologia do sucesso* faz com que muitos colonos tenham uma posição sobranceira frente aos *brasileiros* em geral, e aos seus empregados em particular. É evidente que, para um povo tão orgulhoso quanto o brasileiro do campo, essa postura é extremamente ofensiva, embora ele raramente o demonstre para o *outro lado* (muito sugestivo a respeito: Pierson, 1966). A resposta dos *brasileiros* é a recusa maciça em sufragar nomes de holandeses nas épocas de eleição, o que fecha o círculo de isolamento político e econômico dos colonos.

5.- Discussão.

A problemática rural parece ter se tornado nos últimos anos, na paisagem das Ciências Sociais brasileiras, quase uma raridade. Nossas disciplinas se tomaram de amores pelos temas urbanos, e a eles foi dirigida de forma maciça a atenção dos pesquisadores. Apesar disso,

temas rurais vem se tornando cada vez mais relevantes ultimamente, assim como a problematização da relação existente entre etnicidade e cultura material.

É no interior desse universo que se situa o presente trabalho, tentativa, ainda inconclusa, de abrir uma senda em direção à compreensão da problemática *maioridade política* de uma colônia rural de origem holandesa.

Assim como Maestri (1996) registra em relação às comunidades italianas do sul do país, uma série de elementos culturais vai sendo revivida para fornecer as bases para a revalorização da cultura *holambresa*. Festas folclóricas se sucedem, anualmente, e representam não apenas uma fonte adicional de renda à comunidade, mas também a tentativa de resgate, por parte das gerações mais novas, de sua identidade comunitária e política. Eles parecem compreender que são *holambreses*, e não holandeses, mas não conseguem superar ainda sua assimilação aos últimos por parte dos brasileiros em geral.

Não chega a haver, nem de longe, em Holambra uma tendência ao separatismo, como demonstrado por Maestri no texto citado, mas é muito forte a tentativa de manter a autonomia cultural e econômica. Não se pode esquecer que o modelo implantado em Holambra é fortemente cooperativista em suas origens, sendo até mesmo admirador do kibutz israelense em seu período inicial.

A definição étnica da situação política de Holambra, por outro lado, é palpável, opondo *brasileiros e holandeses* de forma nítida. O problema vivenciado pelos colonos holandeses passa necessariamente pela sua auto definição, e também pela definição que eles e o grupo *brasileiro* fazem um em relação ao *outro*. Como lembra Martiniello (1995:18-19), *...l'ethnicité est un aspect des relations sociales entre des acteurs sociaux qui se considerent et qui sont consideres par les autres comme étant culturellement distincts des membres d'autres groupes avec lesquels ils ont un minimum d'interactions regulieres.*

Acontece, porém, que as definições mútuas de etnicidade são em grande parte instrumentais, enraizadas em momentos muito particulares

e fugidios das relações sociais. Momentos políticos trazem consigo conteúdos e relações diferentes de momentos religiosos, e estes últimos reclamam diferentes padrões de comportamento e alianças em relação a momentos de trabalho. A etnicidade é, antes de mais nada, instrumental, e como tal ela deve ser analisada.

A instrumentalização da etnicidade, percorrendo não raro caminhos rituais, lúdicos e místicos (Handelman, 1990), camuflada em meio a relações aparentemente desconexas, não deixa de ter um forte conteúdo de classe (Polanco, 1988:20-21) que vem a permear a sua elaboração e reelaboração constantes. Assim, a oposição entre uma identidade *holandesa* e uma *brasileira* longe de estar restrita ao campo das relações étnicas, diz respeito antes de mais nada a relações de classe entre empresários e trabalhadores rurais.

No entanto, essa é uma constatação de caráter geral, e justamente por isso tende a minimizar os *mecanismos* alguns deles muito sofisticados, que a constroem. É necessário analisar esses mecanismos, e justamente aqui se torna enriquecedor o olhar lançado sobre a cultura material do grupo colocado em foco no presente trabalho, o dos pioneiros holambreses.

A (auto) construção, e também a (alter) construção, da identidade étnica de um grupo estão intimamente ligadas a certo esforço objetivo de projetar determinada imagem pública. Alguns autores (Goffman, 1995; Cicourel, 1974; Garfinkel, 1967) analisaram esse processo, principalmente do ponto de vista das relações individuais, mas mesmo assim de forma instigante. Seria importante uma análise detalhada das relações entre indivíduos, mesmo porque é aí mesmo que são construídas as representações simbólicas e materiais que sustentam as relações de poder e trabalho.

No campo das representações materiais, nada melhor do que a visita a um museu para perceber de que forma elas são fabricadas e administradas por determinados grupos (ver, por exemplo, Confino (1993:59 e ss); Haas (1996:1-22); Jones (1993:201-220). A anterior descrição do museu de Holambra, embora sucinta, permite entrever um

pouco das próprias relações de etnicidade e poder no interior daquela comunidade.

Conforme lembra Funari (1995:35), os museus se constituem em *... estruturas de construção de identidade cultural...*, eles tem o papel de instituições que pre-interpretam o passado, *com etiquetas explicativas definitivas* (Bourdieu, citado in Funari, idem). *Os museus históricos (...) são os mais diretamente políticos e de caráter manipulador* (Funari, 1995:39). E procurei demonstrar, paginas atrás, que o museu também pode representar um aspecto interessante de estudo sobre a mentalidade da cultura holambresa.

Referindo-se à questão da etnicidade, Hodder (1979:452) salienta que *the archaeologist cannot hope to identify all the tribes or ethnic groups that existed in the past, but he can identify ethnicity if by this is meant (...) the mechanism by which interest groups use culture to symbolize their within-group organization in opposition to and in competition with other interest-groups*. E se etnicidade é um mecanismo, pode-se muito bem dizer que os museus representam a caixa dentro das quais tais mecanismos trabalham.

A moderna literatura antropológica e arqueológica se dedica cada vez mais ao estudo da noção de fronteiras e linhas divisórias, a ponto de autores como Alvarez (1995) enfatizarem uma *Anthropology of Borderlands* (ver também Zedeno, 1997; Lightfoot e Martinez, 1995). Mas é extremamente difícil falar sobre fronteiras, como constataram esses autores, pois a própria noção implica a existência de identidades definidas e cristalizadas. E isso, se já é uma raridade em nível geral, certamente é impossível de se encontrar na comunidade de Holambra, local onde até mesmo os casamentos mistos, nos últimos anos, parecem ser em maior número que os casamentos apenas entre descendentes de holandeses.

Um dos mais concretos elementos definidores da identidade etno-cultural holambresa é a construção da paisagem local. Desde os anos cinquenta a aplicação de métodos intensivos de agricultura já criava uma paisagem diferenciada em relação à região circunvizinha. A

princípio, eram as curvas de nível e os primeiros laranjais de grande porte, depois veio também a avicultura industrial e a seguir grandes unidades de irrigação.

Hoje, quando quase a totalidade dos maiores produtores se dedica à floricultura, vemos as manchas brilhantes e esbranquiçadas das estufas se destacando em meio ao verdor dos pomares e pastagens, onipresentes em toda a zona rural do município. É nas estufas que se concentra a produção, e também a mão-de-obra dos *paranaenses* e *mineiros*, que embora sejam trabalhadores de pouca instrução tem a quase totalidade do peso eleitoral do município. [a respeito das alterações sociais geradas pela introdução do cultivo em estufas, ver Palomaki e Noble (1995:173-184)].

De qualquer forma, a paisagem de Holambra é diferenciada em relação ao restante da região que une Campinas a Mogi Mirim. É essa paisagem que é lembrada por todos ao se referirem ao lugar, habitantes ou visitantes. Ela representa, na verdade, a verdadeira identidade metafórica dos colonos holandeses, sua *nação*, sua comunidade imaginada. *A nation transforms social relations between millions of people into a metaphor; we need a method that can tell us about the way people devise a common denominator between their intimate, immediate and real local place and the distant and abstract national world* (Confino, 1993:44).

No caso de Holambra não podemos falar de *milhões* de pessoas, como o faz Confino, mas para os menos de dois mil pioneiros holandeses e seus descendentes a paisagem holambresa se confunde com seus sonhos de prosperidade, sonhados ainda nas úmidas planícies do norte da Europa, assim como representa aquilo de real que foi construído a partir de seu imaginário, tornando-se reflexivamente parte dele.

A construção da paisagem a partir do embate entre um grupo humano e uma parcela de ambiente natural acaba gerando vínculos afetivos entre a comunidade humana e seu ambiente (Dubos, 1981:53 e ss.). Assim, não é de se estranhar que os holambreses se sintam invadidos não só pelos turistas, como também por seus próprios empregados. As

relações de classe que se estabelecem entre *holandeses-patroes* e *brasileiros-empregados* são matizadas e mediatizadas pela imagem-paisagem que brota de seu interior.

Dessa forma vejo, como passo seguinte e importante a ser dado para a compreensão das relações de poder no interior da comunidade, a discussão da forma pela qual os colonos construíram a *sua* paisagem. E essa paisagem precisa ser compreendida como um artefato cultural, ao mesmo tempo um testemunho da realidade histórico-social e uma ferramenta para a sua compreensão. Acompanhando as palavras de Jones (1997:118), podemos dizer que *material culture is not merely a repository of accumulated meaning inscribed in it by its production and use in different social contexts and by differentially situated social agents. It plays an active role in the structuring of social practices, because the culturally specific meanings with which material culture is endowed as a result of former practices influence successive practices and interpretations.*

Proponho, portanto, que a paisagem e sua valorização por parte do grupo que a criou devam ser encaradas como parte da cultura material e ideológica gerada e administrada por esse grupo.

Os próximos capítulos irão girar em torno da discussão de alguns conceitos que dizem respeito ao processo de construção da paisagem holambresa. A organização do espaço local, a sua construção por um grupo nacional minoritário e imigrante. Algumas questões principais podem ser adiantadas: Em que o espaço físico de Holambra, a sua organização, a fazem diferente das regiões circunvizinhas? De que forma esse espaço organizado é visto, compreendido e valorizado pelos *holambreses*? Como se processa a valorização positiva/negativa de segmentos desse espaço *holambres*? Como a organização do espaço afeta a produção de uma certa mentalidade política por parte desse grupo, e também dos que se diferenciam dele mas que com ele interagem?

CAPITULO IV

A CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM

1.- Ocupação do espaço.

Não se pode falar de uma única paisagem holambresa, passível, em sua unicidade, de uma análise simples de seus componentes. Seria mais certo falar-se em uma superposição de paisagens, cada uma delas enraizada em diferentes períodos históricos da ocupação humana da região.

Mesmo em finais do século XVIII, toda essa região de topografia ondulada que se estende entre Campinas e Mogi Mirim era densamente coberta por um grande e quase ininterrupto dossel florestal. A pujança da Mata Atlântica ainda era vencida com dificuldade pelos viajantes que circulavam entre as duas vilas, trecho importante no caminho do ouro das minas de Goiás. As próprias pontes sobre os maiores rios (Atibaia, Jaguari e Camanducaia) eram de propriedade particular até ao menos a terceira década do século XIX, e se pagava pedágio por sua utilização (D'Alincourt 1976).

Seria correto representar mentalmente a região em tal época como tendo *ilhas* de povoamento representadas por pequenas, quase insignificantes vilas rodeadas pela densa floresta. Ataques de índios não eram raros, principalmente aos habitantes mais afastados da freguesia de Mogi Mirim.

O local do futuro município de Holambra ainda era virtualmente deserto por esse tempo. Ele só viria a ser ocupado pelos seus primeiros desbravadores brancos a partir de meados do século XIX. Na região da Cachoeira ainda podem ser encontrados vestígios daquilo que possivelmente tenha sido a sede da primeira fazenda. São muros de

taipa que mal sobressaem acima do chão, e um ou outro fragmento de telhas e tijolos a se desfazerem sob a ação das chuvas.

Os mais antigos fazem menção à existência, quando da chegada dos holandeses, de correntes chumbadas em pilares, possivelmente usadas para o castigo de escravos, e também de restos de potes e panelas de ferro espalhados por entre as árvores da mata secundária que se formou depois do abandono do local. Tudo isso, no entanto, sumiu, levado por curiosos.

De qualquer forma, a ocupação intensiva da área veio com o frigorífico Armour, que comprou a fazenda Ribeirão e começou a explorá-la para a criação extensiva de gado de corte. As divisas da fazenda correspondiam grosseiramente àquilo que hoje são os limites do município de Holambra.

Os proprietários precedentes cultivavam café nas terras mais férteis da fazenda, mas a cultura esgotou em breve a fertilidade do solo, e a pecuária se tornou a alternativa mais viável durante um longo período que abrange quase que toda a primeira metade do presente século.

Eis, portanto, a paisagem encontrada pelos imigrantes holandeses em meados do século vinte: pastagens entremeadas por áreas de mata virgem, esta geralmente restrita às margens dos riachos que irrigavam os campos e brotavam das grotas mais profundas. Apesar de serem matas remanescentes, mesmo assim conservavam uma imponência considerável, passível de impressionar os recém chegados. Além disso, apenas poucas construções: a sede da fazenda, galpões, algumas casas de pau-a-pique que abrigavam os vaqueiros.

2.- Do espaço real ao espaço simbólico.

A fazenda, rezava o contrato de compra, deveria ser entregue completamente livre de gado e de gente. Dessa forma, à sua chegada, o grosso dos imigrantes já encontrou uma vasta área apropriadamente desertificada de gente e animais, pronta para a transformação em colônia holandesa (Smits, sd).

Segundo a descrição de vários dos colonos mais antigos, a impressão geral seria de desolação: *aquelas casas de pau-a-pique nos não usariamos nem para os porcos na Holanda, chovia muito mais dentro do que fora e as paredes eram forradas de insetos. Os campos eram tomados por enormes montes de cupim, que chegavam a ser muito maiores que um homem, tudo estava completamente abandonado* (um agricultor aposentado, 80 anos).

Apesar disso, tais chocas foram usadas temporariamente por algumas das primeiras famílias a chegarem à colônia. Alguns dos depoentes, que coincidentemente habitaram tais casas por períodos mais ou menos curtos enquanto esperavam suas casas de alvenaria ficarem prontas, hoje se recordam com bom humor da época, e reforçam incessantemente a descrição da precariedade da situação da fazenda.

É importante considerar que esse ato de sublinhar constantemente o lado negativo da paisagem construída tem um forte componente ideológico. É como se, ao reforçar a miséria inicial dos homens e o caráter inóspito da natureza encontrada, o grupo estivesse enaltecendo a si próprio como agente civilizador e modernizante. Do imaginário caos inicial, surge a figura do colono como um demiurgo que conjura os poderes do trabalho para poder triunfar sobre a adversidade. Nasce aqui a imagem da Holambra primeiro-mundista, a colônia agrícola mais avançada que o restante do campo brasileiro, ou ao menos da região envolvente.

Embora realmente as condições iniciais fossem precárias, elas nem de longe eram tão dramáticas quanto a memória as representa no presente. Um breve olhar descompromissado lançado sobre as fotos do Museu nos demonstra isso. O que vemos ali são uma sede e demais edificações bem conservadas, e até mesmo belas em sua austera arquitetura rural, porteiras sólidas e estradas bem conservadas, principalmente se considerarmos que eram apenas para o uso de boiadas e cavaleiros.

O primeiro passo tomado pela administração da Cooperativa (ainda, por essa época, sob controle do KNBTB) foi o parcelamento da terra em

unidades básicas de trinta hectares. A partir disso, passou-se a construir as primeiras casas para os colonos, sob responsabilidade de um grupo de jovens solteiros que precedeu a primeira leva de famílias.

3.- Um espaço *holandês* ou um espaço *holambres* ?

Começou a construção de uma paisagem diferenciada em relação ao restante da região. O padrão regional em tempos mais remotos era de que a habitação da família estivesse em geral localizada o mais próxima possível do centro da propriedade, mas levando-se em conta a facilidade de acesso à água. Com a introdução na virada do século de bombas-carneiro, movidas pela própria força da água, a opção pelo centro da propriedade superou o problema do acesso aos recursos hídricos.

A partir de então, as habitações passaram a se localizar quase que como padrão obrigatório bem no centro dos sítios. 'A sua volta fazia-se o terreiro, uma herança da cultura do café', e depois vinham os campos de cultura, pomares e pastagens.

O modelo implantado pelos imigrantes subverteu parcialmente esse esquema, na medida em que eles optaram de forma generalizada pela localização das casas bem na beira das estradas vicinais à cujas margens se distribuíam os sítios. Oriundos de uma cultura que incentivava fortemente a participação de todos na vida comunitária, os holambreses viam como natural que suas casas se localizassem em pontos de fácil acesso para todos os demais colonos.

Por essa época, o começo da década de cinquenta, ainda era pouco comum a utilização em larga escala de mão-de-obra contratada. Portanto, os brasileiros ainda constituíam uma ínfima minoria no interior de uma comunidade quase que totalmente constituída por neerlandeses.

A língua falada no dia-a-dia era cada vez mais o holandês, os dialetos regionais passaram a se constituir apenas em elos de união entre amigos originários de uma mesma região nos Países Baixos. Funcionários da cooperativa encarregados da assistência social às

famílias enfatizavam a todos a necessidade de se falar holandês com os filhos, para que eles pudessem manter uma ligação mais eficaz com os Países Baixos no futuro. Isso era particularmente trabalhado junto às mulheres, aparentemente as mais recalcitrantes em abandonarem os dialetos regionais.

A vida era essencialmente rural, e o pequeníssimo centro urbano era basicamente destinado às atividades administrativas da Cooperativa, e a um ou outro estabelecimento comercial (carpintaria, ferragens, bar). Nos finais de semana, todos demandavam o centro em função da missa e da ocasião semanal de confraternização, não raro acompanhada de churrasco e música.

4.- O centro urbano, os holandeses e os brasileiros.

A partir de meados da década de setenta, quando ocorreu o começo de um crescimento acelerado da atividade produtiva da colônia, a procura por mão-de-obra aumentou acentuadamente. E isso significou também o começo da vinda de cada vez mais brasileiros para trabalharem como empregados.

Conforme demonstra Abreu (pp. 61-2) para o ano de 1967, até esse período 86,7% dos colonos holandeses possuem três ou menos empregados fixos, e 50,5% das propriedades dispõem de apenas um empregado. A partir daí, com a implantação de procedimentos agroindustriais nos vários setores produtivos (como citros e criação animal), o volume de mão-de-obra começa a aumentar, vagarosa mas incessantemente.

De uma forma geral, a partir de um certo momento deixou-se de trazer trabalhadores para residirem nos sítios. A opção preferencial dos proprietários foi por trabalhadores vindos de fora da fazenda Ribeirão, moradores dos bairros rurais ou urbanos de Artur Nogueira, Santo Antônio de Posse e Jaguariuna. Abriu-se, portanto, aos trabalhadores brasileiros, o acesso ao mundo de trabalho de Holambra, mas não o acesso ao espaço social/residencial correspondente.

Criou-se, dessa forma, uma população flutuante de trabalhadores fortemente vinculada a Holambra pelos laços de trabalho, mas cuja vida social era fruída completamente fora do local. E essa foi uma atitude marcadamente política por parte dos proprietários de terra neerlandeses, foi feita a opção de deixar-se os trabalhadores fora da colônia original holambresa. Reservou-se o *espaço de trabalho* aos brasileiros, mas negou-se-lhes o acesso ao espaço da vida comunitária desfrutada por seus patrões.

Quase que todas as atividades comunitárias permaneceram vedadas aos empregados brasileiros, no entanto, somente até a chegada dos primeiros funcionários brasileiros de nível mais elevado. Para esses, que eram técnicos agrícolas, agrônomos, veterinários, administradores, facultou-se o acesso a elas. A barreira, portanto, era de classe, e não de nacionalidade, embora continuasse sendo vista como natural (e, para alguns, desejável) a manutenção de uma certa superficialidade no relacionamento entre os dois grupos nacionais.

Com o tempo, aos empregados de nível médio foi facultada a freqüência às atividades esportivas e culturais, mesmo a nível de igualdade com o grupo do qual faziam parte seus patrões. Disso resultou igualmente a possibilidade do surgimento de namoros e, eventualmente, casamentos entre os dois grupos. Há uma nítida desproporção no tocante a matrimônios mistos neerlandeses/brasileiros: é muito mais comum a existência de casais com a esposa brasileira do que com o esposo brasileiro, embora haja vários casais na situação minoritária.

Uma moça brasileira sofre uma elevação relativa de status ao se casar com um rapaz de origem neerlandesa, mas o mesmo não é necessariamente verdade em relação ao brasileiro casado com neerlandesa. As famílias neerlandesas são numerosas e organizadas dentro de um estilo patriarcal, e é raríssimo o caso de que seja uma filha a herdar a propriedade do pai. Há sempre um filho (ou mais de um) para ocupar o posto. Em geral, a terra é dividida entre os filhos homens, e às mulheres (e a seus maridos) é reservada uma compensação em dinheiro.

Surge, nessa altura, a necessidade de criar um local de moradia para os casais recém formados, já que não é possível que todos continuem morando no mesmo sítio. A partir desse momento que principia pelo crescimento económico da colónia, passa pelo amadurecimento da segunda e terceira geração de holambreses, pela entrada em cena de profissionais brasileiros de nível médio e superior, e pelo surgimento de um número muito considerável de famílias que não tem a possibilidade de residir nos sítios originais, a partir daí, então, tem início a expansão acelerada do pequeno núcleo urbano da colónia.

Até a década de setenta, apenas algumas poucas famílias mais abastadas residiam no centro comercial e de serviços. A mudança levou à modificação do próprio desenho do tecido urbano, com a valorização simbólica de algumas áreas e a desvalorização igualmente simbólica de outras. Frise-se a noção de simbolismo, de alegoria, pois não havia, como não há ainda hoje, nenhuma deficiência paisagística concreta a separar a área de status mais elevado daquela de status menos elevado.

O centro urbano cresceu acompanhando as linhas de duas avenidas principais, a Rota dos Imigrantes (que segue o sentido Leste-Oeste) e a Alameda Maurício de Nassau (sentido Norte-Sul). Ambas as vias nascem de um ponto de intersecção que até há poucos anos atrás era representado pelos escritórios centrais da Cooperativa.

A Rota dos Imigrantes é a rua de negócios por excelência. Cheia, hoje, de estabelecimentos comerciais, tem pouquíssima área arborizada. Ela é apenas um local de negócios, compras e circulação de veículos. Nela estão situados os dois bancos locais (Itau e do Brasil), os dois postos de gasolina, supermercado, lojas, farmácias, ponto de ônibus, sorveteria, a maior escola pública. É a principal via de acesso à cidade, já que nada mais é que a continuação da estrada de rodagem.

A Alameda Maurício de Nassau, por seu lado, é radicalmente diferente. Ela é totalmente arborizada, e lá estão situadas a prefeitura, a igreja católica e o seu cemitério, o clube, três escolas particulares, dois postos de saúde (público e da associação comunitária), e o recinto

permanente da Expoflora. Em matéria de via pública, ela é o cartão de visitas da cidade.

Um aspecto curioso em relação ao traçado urbano de Holambra é a virtual inexistência de praças, lugares contemplados historicamente na cultura brasileira, principalmente na interiorana, como pontos centrais de vida social. A praça é não somente um local de fruição estética, mas também funciona como um clube informal para aqueles que não podem se filiar a um clube socio-esportivo.

A ausência de um local como a praça significa que os seus principais frequentadores, os trabalhadores de baixa renda, ficam desprovidos de um ponto de encontro que é um referencial espacial importante para a interação fora dos locais de trabalho. A praça, por ser o local ideal de lazer para os pobres interioranos, funciona também como cenário de encontros amorosos, como bolsa de empregos e de pequenos negócios.

A não criação de uma praça central na cidade espelha, por um lado, a ausência de necessidade de tal logradouro por parte dos setores dominantes; a interação social característica desse grupo prescindiu, em Holambra, desse tipo de local. Por outro lado, a não criação de uma praça central também é um fator a mais para excluir da paisagem urbana os grupos indesejados de trabalhadores pobres, de ambulantes e de desocupados em geral.

Muitas vezes, a simples *ausência* de um local pode representar a presença de toda uma gama de atitudes políticas que privilegiam a exclusão social e política de parcelas determinadas da população. Quando Holambra foi emancipada, com a ascensão de um grupo político completamente desvinculado da Cooperativa e de um modo geral da colônia, a própria noção de praça foi retomada, embora de forma distorcida: uma das primeiras medidas do primeiro prefeito foi a construção de uma praça de esportes onde seus *eleitores* (reais e potenciais) pudessem se reunir.

5.- O novo desenho do centro urbano.

Ainda na década de setenta a maior empresa local, Klaas Schoenmaker & Filhos (grande produtora de flores de corte e de bulbos), preocupada em contar com uma certa segurança em relação ao fornecimento de mão-de-obra mais especializada, construiu uma pequena vila operária ao sul da Rota dos Imigrantes. Essa passou a ser o embrião de um núcleo de moradores brasileiros no centro urbano, e foi logo secundada por outra vila similar construída para abrigar funcionários da Cooperativa, principalmente empregados da packing house de citrus, do abatedouro de aves e do setor administrativo.

Por vários anos, o setor ao sul da Rota dos Imigrantes foi basicamente *brasileiro*, e o setor ao norte basicamente *holandês*, e essa separação informal custou a ser ultrapassada, as fronteiras sendo borradas pouco a pouco pela migração de alguns *holandeses* para o lado *brasileiro*. A esses, foram se juntando *brasileiros* com situação mais categorizada na hierarquia profissional das empresas e da Cooperativa.

Na transição da década passada para a atual surgiu um loteamento destinado a essa clientela de maior poder aquisitivo, *Morada das Flores*, logo transformado em reduto de uma classe média-alta diferenciada em relação aos proprietários rurais tradicionais. Quanto a esses, continuaram a morar nos sítios ou no lado norte do núcleo urbano, e constituem no presente uma população de faixa etária bem mais avançada em relação aos jovens profissionais do lado sul.

De certa maneira, esse desenho urbano não só espelhava como reforçava a hegemonia *holandesa* sobre o núcleo urbano, pois mesmo os brasileiros que o habitavam por esse período eram fortemente vinculados aos *holandeses*. Um vínculo não somente profissional e financeiro, mas também cultural e afetivo, na medida em que essas pessoas compartilham com o grupo de imigrantes certo número de práticas e valores comunitários, e mesmo laços familiares advindos de casamentos mistos.

Esse predomínio holandês começou a ser rompido a partir das primeiras lutas eleitorais, com a emancipação. O grupo vencedor, não-holandês (e contando com alguns membros anti-holandeses), conseguiu que uma enorme quantidade de trabalhadores braçais das estufas, membros do contingente que trabalhava em Holambra, mas nela não conseguia morar, transferissem seu título para o novo município. E foi dessa forma que esse grupo político conseguiu conquistar o poder municipal, baseado nos votos desse grupo de eleitores excluídos do espaço holambres.

Uma das principais medidas tomadas pelo grupo no poder foi o de solucionar o problema da *falta* de moradias para a população de baixa renda. Também essa atitude é tão política quanto a postura anterior de desestímulo à residência em Holambra desse segmento da população, mas evidentemente ela tem objetivos políticos claros.

Os proprietários tradicionais desestimularam a formação de um contingente de classe baixa morador em Holambra de maneira consciente, como forma de manter a política local sob controle. No entanto, isso não impediu que seus rivais fizessem um atalho transferindo em massa títulos de outras cidades e mesmo estados para Holambra. E essa manobra não foi percebida senão quando já era tarde demais para tomar qualquer contra-medida.

Uma vez vencedor, o grupo atualmente no poder passou a criar condições para a sua perpetuação enquanto nova elite governante. E uma das mais eficazes formas de ação que encontrou para isso foi a modificação do próprio espaço urbano de Holambra. Foram criados novos loteamentos, entre os quais um bastante grande destinado à população de baixa renda.

Mesmo os loteamentos de alto padrão criados contemporaneamente a esse, e destinados ao veraneio ou mesmo habitação da classe alta originária de São Paulo e Campinas, tem como efeito a diminuição ainda mais acentuada do peso eleitoral relativo da população holambresa original. Não raro, mesmo aqueles proprietários que residem a maior parte da semana nos grandes centros costumam transferir seus títulos

para o endereço de veraneio, para assim aproveitarem melhor os feriados eleitorais.

A luta política se traduz, finalmente, em uma luta pelo controle da organização e gestão do espaço holambres. E' tirado da paisagem local o caráter concretamente *holandês*, ja' que o que se impõe e' uma urbanização *brasileira*, e em seu lugar se coloca uma estilização espacial na qual o interesse turístico e' o fundamental.

6.- A opção turística.

O turismo e', hoje, uma atividade que se apresenta como uma das soluções possíveis para a crise de Holambra. E essa solução interessa a ambos os grupos políticos em confronto, na medida em que ela poderia solucionar não somente o problema de muitos produtores em dificuldades, como também da própria prefeitura, que necessita desesperadamente de arrecadação.

A alternativa turística depende não so' da manutenção, como também da recriação constante de um certo caráter *holandês* do espaço de Holambra. A Câmara Municipal aprovou proposta do poder executivo que estabelecia uma sucessão de descontos sobre o IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) a quem construísse casas em *estilo holandês*.

Apesar disso representar um atrativo financeiro não desprezível (o desconto chega a cinquenta por cento do IPTU), poucos imóveis residenciais construídos desde então adotaram o *estilo*. Em conversas informais, a opinião externada com mais freqüência e' de que tal estilo seria insuportavelmente falso.

Tal opinião e' muito mais forte entre holandeses e seus descendentes do que entre brasileiros em geral. A falta de entusiasmo pelo estilo holandês se torna mais compreensível se for lembrado que ele e' inspirado na arquitetura do extremo oeste do país (províncias de Noord e Zuid Holland), ao passo que a maioria dos colonos, como ja' foi dito, provem da região leste. A respeito, Abreu (p. 83) lembra a predominância de imigrantes provindos das províncias de Limburg, Gelderland e sul do

Noord Brabant. A arquitetura do leste tem poucas similaridades com a do oeste (Holland), e muitos encaram a adoção da arquitetura ocidental como uma espécie de imperialismo cultural que lhes estaria sendo imposto.

Ha', ainda hoje, uma forte recusa por parte de muitos holambreses em relação à aceitação da transformação de Holambra em uma estância turística. O argumento mais ouvido é o de que isso levaria à presença cada vez maior de estranhos no interior do município, o que causaria muitos problemas relativos à *segurança*.

Apesar disso, a alternativa turística cada vez cresce mais em importância, na medida em que representa um aporte considerável de divisas para a economia do município. Ainda que de forma incipiente, já está em visível processo de formação um grupo de comerciantes dedicados à exploração da atividade turística. Estes procuram influir de forma constante na condução e no planejamento do setor, embora o processo de tomada de decisões, tanto no campo da Prefeitura como no da Cooperativa, seja bastante fechado.

A argumentação contrária à exploração turística parece ser muito mais dirigida *contra* esse grupo de comerciantes, do que *a favor* da suposta segurança pública. Na medida em que tal grupo passa a pressionar as forças envolvidas na luta político-partidária, ele pode vir a se transformar em um fator de desequilíbrio da balança eleitoral, ou mesmo no embrião de uma terceira força que se coloque como contendora na luta política. Evidentemente, a última alternativa não seria agradável a qualquer dos dois grupos mais tradicionais, que por isso mesmo tentam deslocar sempre para mais tarde o debate a respeito de medidas efetivas destinadas à promoção do turismo.

7.- Paisagem, paisagens.

A paisagem holambresa é peculiar, pois nela se podem ver várias camadas culturais sobrepostas, cada qual lembrando um aspecto da ocupação da terra na região. Mais que isso, pode-se enxergar na própria

organização do espaço os diversos momentos dos embates político-culturais pelos quais passou a comunidade, seja em sua forma restrita do início, seja na forma ampliada atual.

As contradições entre os dois grupos políticos são apenas uma parte, a mais visível, de um complexo e conflituoso jogo de interesses que permeia a vida da comunidade. Se, em um nível, há contradições evidentes entre *holandeses* e *brasileiros*, em outro aparecem contradições graves no interior do grupo *brasileiro* e também no do grupo *holandês* (ver página), e outros conflitos de interesse vão adquirindo corpo à medida em que novos moradores vão se mudando para os loteamentos de alto padrão no município.

Isso tudo acarreta mudanças bruscas não somente no comportamento dos indivíduos, mas também nos padrões de organização espacial da zona urbana. O jogo de interesses e pressões a que a prefeitura é submetida sempre mais, hoje, pode ser explicada basicamente por essa organização espacial que durante muitos anos excluiu a população brasileira, principalmente a de baixa renda, do centro urbano do município.

A evolução de uma paisagem como a holambresa é muito complexa, principalmente se levarmos em conta a sua peculiar história de duas décadas de grande isolamento em relação à população brasileira envolvente. Em grande parte, esse isolamento se deveu à ativa omissão dos aparelhos governamentais. Os governos estadual e federal, com efeito, não somente permitiram um relativo enquistamento da colônia, como parecem tê-lo feito até mesmo de forma consciente.

No debate sobre a imigração estrangeira para a lavoura paulista, que teve seu ponto alto na segunda metade do século dezenove, sobressaem posições marcadamente racistas. É evidente no discurso daquela época a preocupação em substituir o negro, visto como *racialmente inferior*, por grupamentos de origem européia, *racialmente superiores*. Alguns chegavam ao ponto de combater a imigração de japoneses e demais orientais, por considera-los inaptos para os

trabalhos da lavoura de café (uma visão interessante desse processo pode ser encontrada em Holloway, sd).

O imigrante holandês foi visto, por muitos membros da elite governante paulista, como um elemento *melhorador* da qualidade da população rural do estado. Deu-se aos imigrantes, portanto, uma ampla independência organizativa em muitas áreas. Apenas no tocante à educação foi feita uma tentativa, pela Delegacia Regional de Ensino, de integrá-los. Esta Delegacia exigiu que a direção da escola da Fazenda Ribeirão continuasse em mãos de diretores brasileiros.

Com efeito, quando da chegada do primeiro grupo de imigrantes, as freiras holandesas assumiram a direção da escola rural. As aulas eram ministradas em holandês, embora se tentasse passar ainda de forma tímida para as crianças alguns rudimentos do idioma português. O Delegado de Ensino exigiu a presença de um diretor brasileiro na escola, e também que as aulas fossem ministradas totalmente em português.

Os colonos se revoltaram com aquilo que consideraram uma intromissão indevida, e fundaram uma escola a ser mantida pela Cooperativa. Apesar disso, a fiscalização exigiu a presença de uma diretora brasileira e a alfabetização obrigatória em português. Foi contratada uma professora brasileira, Terezinha Meirelles, que viria a se casar com um dos colonos e fixar residência definitiva em Holambra.

No entanto, apenas no campo do ensino foi feita uma ação efetiva para se assegurar a integração da colônia. Não foi realizada qualquer intervenção no sentido de se promover a integração social dos colonos à população *brasileira* das vizinhanças.

Podemos dizer que existe um padrão nítido na evolução da colônia, e que resulta do confronto entre a tendência de manutenção da integridade cultural e a de integração ao ambiente natural e social encontrado na região. A tendência conservadora, a primeira, predominou por muito tempo, e resultou em um característico isolamento dos colonos no interior da região em que a colônia foi estabelecida.

Tal isolamento teve um efeito contraditório que pode ser resumido em dois aspectos principais. Por um lado, ele permitiu que os colonos mantivessem os laços com a cultura de origem e com o estado holandês, o que veio a se tornar um elemento positivo para a atualização tecnológica da colônia. Isso foi uma vantagem apreciável, e durante muito tempo representou um diferencial vital em relação à comunidade envolvente. Por meio desses laços foram introduzidas técnicas mais modernas de gestão administrativa da cooperativa, técnicas agrícolas inovadoras como a calagem e as curvas de nível que melhoraram a fertilidade e a estrutura física do solo e, mais recentemente, a técnica de plantio controlado em estufas.

Mas há um lado negativo nesse isolamento relativo, mesmo quando observado desde o ponto de vista dos colonos, que é o da ausência de estabelecimento de laços orgânicos com a população brasileira. A comunidade brasileira mais antiga foi aceita no interior da colônia vagarosamente ao longo do tempo, com muitas reservas e distanciamento no relacionamento *formal*.

A situação é ainda pior no tocante aos migrantes de outros estados, que são mantidos completamente à distância não somente do espaço de relações sociais, mas do espaço propriamente físico da colônia. Ora, distanciar a população brasileira, isolá-la espacialmente da elite proprietária de origem holandesa, significa também impossibilitar a construção, por parte dessa elite, de uma hegemonia política sobre o conjunto dos brasileiros, que representam a grande massa dos eleitores.

Como foi dito acima, não se pode falar de uma única paisagem holambresa, mas de várias paisagens superpostas. É precisamente por falhar em compreender a dinâmica dessa diversidade que os colonos de origem holandesa, proprietários da quase totalidade da terra e dos instrumentos de produção do município, falham em estabelecer seu domínio eleitoral sobre a população de eleitores, majoritariamente brasileira. A exclusão espacial, ao ser somada à exclusão social, cobra um preço alto dos colonos, que é o de transformá-los de agentes em pacientes da exclusão.

Tendo sido incapazes, ao longo das últimas décadas, de construir essa hegemonia no campo ideológico, os colonos e seus herdeiros se tornam prisioneiros de uma estrutura ideológico-espacial que eles próprios criaram à guisa de redoma protetora. Tal redoma foi funcional enquanto Holambra era apenas uma cooperativa, enquanto podia ser controlada como o que de fato era, uma fazenda transformada em uma colcha de retalhos de sítios autônomos interligados frouxamente por laços cooperativistas e de origem nacional.

Essa funcionalidade tinha como pressuposto necessário a exclusão espacial da grande massa de trabalhadores brasileiros. Tal exclusão postergou durante longos anos a emergência de conflitos de classe, mas eles acabaram por se impor da pior maneira possível para os colonos, com a sua virtual expulsão do cenário político municipal.

Não por acaso, um dos pontos de honra da administração municipal foi a concessão de lotes às famílias de baixa renda que trabalhavam no município mas que nele não conseguiam residir. Estabelecer os trabalhadores no interior do centro urbano foi, mais do que um ato eleitoral, uma demonstração de força do primeiro prefeito eleito. Com isso ele deslocou para o município sua base eleitoral, até então espalhada pelos municípios vizinhos.

Concentrá-la no centro municipal não somente teve um significado simbólico, mas também utilitário, na medida em que agora a logística do acesso a esse estoque de votos foi grandemente facilitada: é muito mais eficiente trocar benefícios por votos quando as benesses podem ser concentradas espacialmente, porquanto elas se tornam mais visíveis e conseqüentemente atraem mais interessados (e eleitores).

Além disso, a campanha nos locais de trabalho depende em larga medida da concordância dos patrões, o que representa uma vulnerabilidade no exercício político-eleitoral do grupo no poder. Destinar áreas do centro urbano para a residência do eleitorado tem, portanto, do ponto de vista de um grupo no poder, a vantagem de colocar os votantes e seus dependentes de forma mais direta sob influência da administração municipal.

8.- A paisagem: produto da cultura, ambiência da contradição.

Um dos pioneiros do estudo da paisagem enquanto produto da cultura é Yi-Fu Tuan. De suas propostas, uma das mais profícuas é a que estabelece a distinção entre *espaço* e *lugar*.

Espaço é um termo abstrato para um conjunto complexo de idéias. Pessoas de diferentes culturas diferem na forma de dividir seu mundo, de atribuir valores às suas partes e de medi-las. As maneiras de dividir o espaço variam enormemente em complexidade e sofisticação, assim como as técnicas de avaliação de tamanho e distancia. (Tuan 1983:39).

O espaço tem uma conotação de lugar naturalmente indiferenciado, esperando pela discriminação e organização impostas pela mente e pelo trabalho humanos. Além disso, *o espaço é um símbolo comum de liberdade no mundo ocidental. O espaço permanece aberto, sugere futuro e convida à ação. Do lado negativo, espaço e liberdade são uma ameaça. (Op.cit.: 61).*

Assim, um grupo humano, ao se apropriar de uma fatia de espaço, procura evidentemente maximizar seu lado positivo, e ao menos controlar o lado negativo. Parte essencial dessa ação é a de outorgar ao espaço uma aparência que espelhe os valores e a visão-de-mundo não só da cultura daquela sociedade, mas também do seu grupo hegemônico.

Isso é patente no processo de ocupação e reordenamento do espaço holambres pelos pioneiros holandeses, quando depreciam e destroem a ordenação do espaço estabelecida pelos grupos que os precederam. *Holandeizar* a Fazenda Ribeirão foi um ato, consciente ou não, de imposição de poder sobre aquela fatia de terra. A destruição de algumas benfeitorias, como a antiga sede da fazenda Ribeirão, por exemplo, mesmo quando publicamente justificadas por suposta fragilidade estrutural, demonstram essa faceta impositiva da cultura sobre o espaço do qual ela está em vias de apropriação.

Quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar (idem:83). Ao longo de sua obra, Tuan procura sublinhar a importância do sentimento de proximidade e integração que o ser humano sente em relação à paisagem que o rodeia, mas nos dá a impressão de que tal sentimento não depende de maneira estreita de laços e condicionamentos sociais. Nesses termos, é importante a contribuição de Machado que procura sublinhar o universo social ao dizer que *sabemos que a avaliação de uma paisagem é afetada profundamente pela sociedade e pela cultura, pois cada sistema social organiza o mundo de acordo com a sua estrutura e exigências particulares; cada cultura filtra a percepção da paisagem em harmonia com seu estilo e técnica particulares e, em qualquer sociedade, indivíduos com embasamento cultural semelhante, que falam a mesma língua, ainda assim percebem e experienciam diferentemente os lugares e suas paisagens. Muitas vezes, o que é apropriado e desejável do ponto de vista de um usuário não é, necessariamente, o mesmo para um seu vizinho, mesmo que compartilhem de uma cultura comum.* (Machado 1988:47)

Um espaço já explorado, apropriado, domesticado, é revestido com o passar do tempo por uma aura de emoção e por um agudo sentimento de posse, torna-se um *lugar*. A partir de então, os estranhos, os recém-chegados, tornam-se inimigos potenciais de um equilíbrio conseguido a duras penas, representam uma ameaça para a integridade até mesmo cognitiva do grupo que os antecedeu.

Uma das saídas é segregar fisicamente os recém-chegados, embora mantendo-os no interior do tecido urbano. Reserva-se a eles, em alguns países, bairros especiais (como os guetos judeus na Europa, os guetos negros das cidades do norte dos Estados Unidos, ou os guetos da África do Sul). Outra alternativa possível é a holambresa, que optou pela exclusão espacial estrita: nega-se aos recém-chegados habitação, força-se seu estabelecimento nas cidades vizinhas.

A população excluída, vinda de outros estados, já está, por sua própria condição de migrante, desenraizada e desprovida de uma teia

consistente de relações sociais. Seus contatos mais íntimos resumem-se a possíveis parentes que já trabalhavam em Holambra. É importante notar que o canal do parentesco é apontado por muitos como o principal canal de atração de trabalhadores forasteiros para as empresas rurais holambresas. No entanto, a existência de parentes é apenas um facilitador, e não pode substituir as redes mais amplas de relacionamento social. E este foi, através do tempo, grandemente dificultado pela ausência da possibilidade de residir dentro dos próprios limites de Holambra.

Assim, a paisagem holambresa foi por muito tempo controlada rigidamente pelo grupo original de colonos holandeses, e recebeu desse grupo a sua feição. O processo de relacionamento com a paisagem ao qual Tuan (1980) deu o nome de *topofilia* remete a um relacionamento homem-natureza que se alimenta de laços não apenas econômico-sociais, mas também afetivos. Tais laços envolvem também um extremado sentimento de posse em relação ao meio físico de Holambra, e pode-se perfeitamente considerar que são esses laços afetivos o principal condutor do processo de exclusão dos trabalhadores da cena do município durante muito tempo.

A ascensão da massa trabalhadora à condição de agente eleitoral no município recém-criado transforma, de uma certa forma, as relações de poder sobre o espaço-lugar holambres. Ao excluir os trabalhadores brasileiros de Holambra, o grupo dirigente estava também privando a si próprio da possibilidade de construir e exercer uma hegemonia política sobre ele. Com isso, foi derrotado na primeira eleição da história municipal, e eleitoralmente esmagado na segunda. Isso somente ocorreu por sua incapacidade de compreender a natureza explosiva da situação criada por ele próprio, e nunca convenientemente submetida a uma crítica política e/ou cultural.

CONCLUSÃO

O objetivo principal desse trabalho foi o de registrar um momento muito particular vivido por um grupo de imigrantes holandeses em São Paulo: o momento de constituição de um município autônomo a partir dos fundamentos fornecidos por uma colônia cooperativista camponesa e católica.

Os cinquenta anos decorridos desde o estabelecimento da colônia, plenos de lutas e conflitos, encontram uma colônia, originalíssima em sua concepção e em sua vida comunitária, que se defronta com a peculiar situação de ser incapaz de influir significativamente na condução dos negócios municipais.

Foi sugerida uma hipótese principal visando a explicação de uma situação inusitada em que os detentores da quase totalidade das terras e empresas do município estão totalmente alijados da administração municipal: a de que a forma peculiar de organização social e espacial dos colonos holandeses isolou-os de forma relativa da convivência com a população brasileira envolvente, e dessa forma impediu-os de estabelecerem uma hegemonia política eficaz sobre o conjunto da população de Holambra.

Ao longo do trabalho foi demonstrada a natureza fortemente comunitária da organização de vida e trabalho implantada pelos colonos holandeses. Tal tipo de organização, se por um lado foi altamente benéfica para a sobrevivência da colônia ao longo de cinco décadas, por outro desarmou os colonos para a interação com a população não holandesa. Um efeito deletério ainda mais acentuado dessa organização comunitarista foi gerar uma incapacidade dos holandeses-holambreses para a realização do salto de uma participação política comunitária para a participação no nível muito mais abrangente de política do tipo eleitoral-estatal.

Um elemento complicador foi a ideologia, velada mas sempre presente, de superioridade cultural dos holandeses em relação aos

brasileiros, que levou a uma postura complacente por parte dos primeiros em relação aos temas político-eleitorais. Criou-se uma situação de acomodamento, graças a isso, como se fosse perpetuamente garantido ao grupo de *pioneiros* o posto de condutores incontestes do governo local.

Como foi visto, essa postura é evidenciada e reforçada pela própria organização do espaço rural e urbano, com a exclusão histórico-espacial da maioria dos trabalhadores empregados nas empresas rurais do município. Fazer-lo foi, sem dúvida alguma, uma opção consciente que com o tempo se tornou política e socialmente desastrosa, conduzindo os colonos-proprietários-empregadores a um isolamento radical em relação a seus funcionários. Evidentemente, com o advento da autonomia municipal, esses trabalhadores acabaram sendo cooptados como eleitores por um grupo político completamente desligado da colônia e da cooperativa. Essa última foi por mais de quatro décadas o governo incontestado do lugar, e foi alijada do poder de forma abrupta e, por enquanto, aparentemente irreversível.

Registre-se que a compreensão dessa situação, já por si muito complexa, não poderia ser compreendida através da análise pura e simples da política eleitoral. As raízes são muito mais profundas, e basicamente constituídas por: a) uma política comunitária que se fossilizou com o tempo, tornando-se incapaz de integrar levadas sempre crescentes de imigrantes internos; e b) uma organização político-cultural do espaço que, ao inibir a residência desses trabalhadores recém-chegados no seio da colônia, impediu a própria elite tradicional de construir uma hegemonia instrumental e eficiente sobre o conjunto da sociedade local.

Ao longo do trabalho obedeceu-se a uma articulação constante entre as etapas descritiva e interpretativa, e que privilegiou sempre as informações obtidas através de intenso trabalho de observação participante na coletividade restrita do grupo de origem neerlandesa. Essa opção foi feita por dois motivos principais, ambos de ordem prática.

Em primeiro lugar, não havia até o presente qualquer estudo antropológico e/ou sociológico sobre o grupo em questão. Os dois trabalhos acadêmicos já realizados sobre o tema privilegiam de forma acentuada, respectivamente, o estudo econômico da Cooperativa Agropecuária Holambra (Herbers), e o aspecto da Geografia humana e econômica local (Abreu). O terceiro documento de maior vulto (Smits), é um relato factual dos primeiros quarenta anos da colônia, mas não é uma análise acadêmica, ao contrário dos dois anteriores.

Em segundo lugar, esse registro precisaria ser realizado com rapidez, pois os primeiros imigrantes estão hoje na faixa etária de oitenta anos, e muitos depoimentos já se perderam por morte ou lapsos de memória e lucidez. Deve ser lembrada, aqui, a extremada e entranhada amabilidade e o grande interesse demonstrados pelos membros dessa geração de pioneiros em relação ao pesquisador e ao seu trabalho. Tal atitude facilitou sobremaneira a realização da coleta de dados e depoimentos.

Optou-se pela manutenção da quase totalidade dos depoentes no anonimato. A comunidade de imigrantes atravessou repetidas e violentas crises ao longo do tempo (veja-se, a respeito, Smits). Rivalidades e animosidades muito serias ainda hoje subsistem, passando de geração em geração, dentro de famílias e mesmo de grupos de famílias. Muitas pessoas somente concordaram em falar sob promessa de sigilo absoluto, que respeitamos escrupulosamente.

BIBLIOGRAFIA

1. Ab'Saber, Azis N.- *A terra paulista*- in Boletim Paulista de Geografia, 1,1949.
2. Abreu, Adilson A.- *A colonizacao agricola holandesa no estado de Sao Paulo-Holambra I*-ed. Instituto de Geografia da USP, 1969.
3. Alvarez, R.R.- *The mexican-U.S. border: the making of an anthropology of borderlands* - Annual Review of Anthropology, 24:447-470, 1995.
4. Ansay, P. & R. Schoonbrodt - *Penser la ville* -ed. Aam, Bruxelles.
5. Arreola, Daniel D.- *Urban ethnic landscape identity* - The Geographical Review, 85(4):518-534.
6. Bruman, Henry - *Post-war agricultural colonization in Brazil* - Department of Geography, University of California, 1968.
7. Castile, George P. - *The commodification of indian identity* - American Anthropologist, 98 (4):743-749, 1996.
8. Cicourel, Aaron - *Cognitive sociology: language and meaning in social interaction* -The Free Press, New York, 1974.
9. Confino, Alon - *The nation as a local metaphor* -Memory and history, 5(1) 1993.
10. Cosgrove, Julie & B. Roscoe & S. Rycroft - *Landscape and identity at Ladybower Reservoir and Rutland Water* - Transactions of the Institute of British Geographers 21(3):534-551, 1996.
11. Cruikshank, Julie - *Negotiating with narrative* - American Anthropologist, 99(1): 56-69, 1997.
12. D'Alincourt, Luiz - *Memoria sobre a viagem do porto de Santos a cidade de Cuiaba'*-Martins, Sao Paulo,1976.
13. Del Rio, Vicente & Livia de Oliveira - Studio Nobel/Ufscar, Sao Carlos, 1996.
14. Dubos, Rene' - *Namorando a terra* -Melhoramentos/Usp, 1981.

15. Funari, Pedro P.A.- *A cultura material e a construcao da mitologia bandeirante: problemas da identidade nacional brasileira* -Ideias, 2(1), 1995, Unicamp.
16. Goffman, Erving - *Encounters: two studies in the sociology of interaction* -Bobbs-Merril, New York, 1961.
17. - *Interaction ritual: essays on face-to-face behavior* - Anchor Books, New York, 1967.
18. - *A representacao do eu na vida cotidiana* -Vozes, Rio de Janeiro, 1995.
19. Gonzalo, Almudena H.- *The perception of landscape amongst the q'echies* - in *Perceiving landscape* - Ucko, Peter & R. Layton - Routledge, London (no prelo).
20. Garfinkel, Harold - *Studies in ethnomethodology* - Prentice-Hall, 1967.
21. Goncalves, Francisco P.L.- *Relatorio apresentado a Associacao Promotora de Imigracao em Minas* -Typographia do Pharol, Juiz de Fora, 1888.
22. Gonzalo, Almudena H.- *The perception of landscape among the q'echies* - in *Perceiving landscape*, Ucko, P. e R. Layton - Routledge, London - no prelo.
23. Grininger, Valdemar - *Imigracao suica em Sao Paulo: a historia da colonia Helvetia* - dissertacao de mestrado, Instituto de Economia, Unicamp, 1991.
24. Haas, Jonathan - *Power, objects, and a voice for anthropology* - Current Anthropology, 37, febr. 1996.
25. Hack, H.- *Dutch group settlement in Brazil* -Royal Tropical Institute, Amsterdam, 1959.
26. Hall, Edward T.- *A dimensao oculta* -Francisco Alves, 1989.
27. Handeliman, Don - *Models and mirrors: towards an anthropology of public events* -Cambridge University Press, 1990.
28. Herbers, Raul - *Cooperativismo e desenvolvimento de comunidade rural: o caso da Holambra* - dissertacao de mestrado, IFCH, Unicamp, 1989.

29. Hodder, Ian - *The spatial organization of culture* - Duckworth, 1978.
30. Holloway, Thomas H. - *Imigrantes para o café* - Paz e Terra, RJ.
31. Hunter, Floyd - *Community power structure* - The University of North Carolina Press, 1990.
32. Jones, A.L. - *Exploding canons* - Annual Review of Anthropology, 22, 1993.
33. Jones, Sian - *The archaeology of ethnicity: constructing identities in past and present* - Routledge, London, 1997.
34. Krader, Lawrence - *A formacao do estado* - Zahar, Rio de Janeiro, 1970.
35. Le Goff, Jacques - *A historia nova* - Martins Fontes, Sao Paulo, 1990.
36. Leone, Mark P. - *A historical archaeology of capitalism* - American Anthropologist, 97(2):251-268.
37. Ley, David - *Social geography and the taken-for-granted world* - Transactions of the Institute of British Geographers 2:498-512, 1977.
38. Lightfoot, K. & A. Martinez - *Frontiers and boundaries in archaeological perspective* - Annual Review of Anthropology, 24:471-492, 1995.
39. Lowenthal, David - *English landscape tastes* - Geographical Review, 55: 186-222, 1965.
40. - *Past time, present place: landscape and memory* - Geographical Review, 65: 1-36, 1975.
41. Machado, Lucy M.P. - *A Serra do Mar paulista: um estudo de paisagem valorizada* - tese de doutoramento, IGCE-Unesp, Rio Claro, 1988.
42. Maestri, Mario - *Questao etnica e nacional na historia do Brasil* - ECIRS-IHMC, 1996.
43. Martin, Paul-Louis - *Production de paysage et culture technique* - Anthropologie et societes, 13(2): 115-120, 1989.
44. Martiniello, Marco - *L'ethnicite' dans les sciences sociales contemporaines* - PUF, Paris, 1995.
45. Morris, Arthur & Gordon Dickinson - *Tourist development in Spain* - Geography

46. Palomaki, M.J. & A.G. Noble - *Greenhouse horticulture and economic transition* - The Geographical Review, 85(2):173-184, 1995.
47. Pesez, Jean Marie - *Historia da cultura material* - in Le Goff, 1990.
48. Pierson, Donald - *Cruz das Almas* - Jose Olimpio, Rio de Janeiro, 1966.
49. Polanco, H.- *La cuestion etnico social* - Fontamara, 1988.
50. Relph, Edward C.- *Rational landscapes and humanistic geography* - Croom Helm, London, 1981.
51. Rybczynski, Witold - *Casa, pequena historia de uma ideia* - Record, 1996.
52. - *Vida nas cidades* - Record, 1996.
53. Schoenmaker, Klaas & Gemma Schouten - *Memoires* -ed. do autor, Holambra, 1992.
54. Smits, Mari - *Holambra: geschiedenis van een nederlandse toekomstdroom in de braziliaanse werkelijkheid, 1948-1988* - KDC-Scripta.
55. Terkenli, Theano S. - *Home as a region* - The Geographical Review, 85(3):324-334.
56. Tuan, Yi-Fu - *Topofilia* - Difel, Sao Paulo, 1980.
57. - *Espaco e lugar* - Difel, Sao Paulo, 1983.
58. - *The city: its distance from nature* - The Geographical Review, n.1 vol 68, 1978.
59. - *Strangers and strangeness* - The Geographical review, n.1, vol.76, 1986.
60. Urry, John - *O olhar do turista* - Sesc/Nobel, 1996.
61. Willems, Emilio - *A aculturacao dos alemaes no Brasil* - Companhia Editora Nacional, 1980.
62. Zedeno, Maria N.- *Landscapes, land use, and the history of territory formation: an example from the puebloan southwest* - Journal of archaeological method and theory, 4(1), 1997.